

100 ANOS

G

MAIS GUIMARAES
A REVISTA DA CIDADE BERÇO

N133 MENSAL: MAIO 2024
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
DIRETOR ELISEU SAMPAIO

Um modo de vida

100 ANOS DE ESCUTISMO EM GUIMARÃES

GUIMARÃES - DAQUI HOUVE RESISTÊNCIA HOMENAGEIA VIMARANENSES QUE LUTARAM PELA LIBERDADE
GAMA BRANDÃO LANÇA LIVRO FRAGMENTOS DA VIVÊNCIA CLÍNICA DE UM PEDIATRA
FRANCISCO BRITO OS LIVROS CENSURADOS PELO ESTADO NOVO

N133 | MAIO 2024

COM SINAL MAIS NESTA EDIÇÃO

TODOS OS MESES
A MAIS GUIMARÃES LEVA ATÉ SI
O QUE DE MAIS IMPORTANTE
ACONTECE NA CIDADE BERÇO
E NO CONCELHO!



**SOALHEIRO
VINHOS COM
PERSONALIDADE MINHOTA**



**MANUEL MENDES
COLOCA PONTO
FINAL NA
CARREIRA**



**GUIMARÃES DAQUI HOUVE RESISTÊNCIA
DÁ ORIGEM A SÉRIE**



**CONFRARIA QUER SER
CAPITAL DO VINHO**



**FRANCISCO BRITO
E A CENSURA DO
ESTADO NOVO**



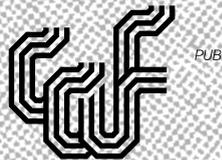
**ECONOMIA
DO GOLO**



**FRAGMENTOS DA VIVÊNCIA CLÍNICA
DE UM PEDIATRA**

FESTIVAIS

GIL VICENTE



CENTRO CULTURAL VILA FLOR
GUIMARÃES



espaço
oficina

TEATRO



MARCO
MENDONÇA



KELI
FREITAS



SARA INÊS
GIGANTE



MÁRIO
COELHO



BRUNO
DOS REIS



MICKAËL
DE OLIVEIRA
TEATRO OFICINA



Para comprar bilhetes para os espetáculos, por favor utilize este QR Code.

6_15 JUN

Organização



Apoio



Media Partner



EDITORIAL

DIRETOR DO GRUPO MAIS GUIMARÃES
ELISEU SAMPAIO



LEIA A REVISTA
EM FORMATO DIGITAL



MAIS GUIMARÃES, EDIÇÃO DE MAIO

Aqui está mais uma edição da revista de todos os vimaranenses. A edição de maio traz mais alguns artigos, sobre o que acontece na cidade-berço, que esperamos cativem a sua atenção.

Desde logo, a celebração do centenário do escutismo em Guimarães. Com justa chamada à capa, o escutismo vimaranense é responsável, de alguma forma, e pela forte implantação que tem no nosso território, pela forma como vemos o mundo, pelo modo como as nossas crianças e jovens crescem com valores, com princípios que fazem delas melhores pessoas. E isso importa, e de que maneira!

Nesta edição entrevistamos António Gama Brandão, conhecido médico vimaranense que escreveu um livro cujas receitas revertem, na totalidade, para o tratamento de crianças com cancro.

Sobre livros, falamos também com Francisco Brito, sobre as publicações censuradas no tempo do Estado Novo. Comemoramos 50 anos do 25

de abril e hoje podemos desfrutar de liberdade de expressão, num tempo excepcional.

Lembramos também o Guimarães - Daqui houve resistência, o livro de César Machado que conta as histórias de ilustres vimaranenses que, a partir de Guimarães e da região, foram relevantes, de muitas formas, contribuindo para a queda do regime opressor de Salazar. O livro dá agora origem a uma série televisiva, com cinco episódios, que passará no Canal 1 da RTP lá para o final do ano, e está a ser gravada em Guimarães.

Estes são apenas alguns exemplos do que vai encontrar nesta edição, numa publicação que esperamos, vá cada vez mais ao encontro das suas expectativas.

Aproveitamos para agradecer também, 11 anos após a primeira edição desta revista, o facto acompanhar o nosso trabalho. Essa, acredite, é a nossa maior recompensa!

Mais Guimarães – A Revista é um órgão de comunicação independente e plural ao serviço de Guimarães e de todos os Vimaranenses.

Estas são as linhas que a definem:

01 A Revista "Mais Guimarães" é um órgão de comunicação regional, gratuito, generalista, independente e pluralista, que privilegia as questões ligadas ao concelho de Guimarães.

02 A Revista "Mais Guimarães", é uma publicação independente, sem qualquer dependência de natureza política, económica ou ideológica.

03 A Revista "Mais Guimarães" é um órgão de informação que recusa o sensacionalismo

e é orientado por critérios de rigor, isenção e honestidade no tratamento das notícias.

04 A Revista "Mais Guimarães" compromete-se a respeitar os direitos e deveres previstos na Constituição da República Portuguesa, na Lei de Imprensa e no Código Deontológico dos Jornalistas.

05 A Revista "Mais Guimarães" aposta numa informação diversificada de âmbito local, abrangendo os mais variados campos de atividade e pretende corresponder às motivações e interesses de um público plural que se quer o mais envolvido possível no projeto editorial.

06 A Revista "Mais Guimarães" distingue claramente as notícias – que deverão ser objetivas,

circunscrevendo-se à narração, à relação e à análise dos factos para cujo apuramento devem ser ouvidas as diversas partes – e as opiniões, ou crónicas, que deverão ser assinadas por quem as defende, claramente identificáveis.

07 A Revista "Mais Guimarães" compromete-se a respeitar a privacidade dos cidadãos, recusando a divulgação de factos da vida pessoal e familiar.

08 A Revista "Mais Guimarães" considera a sua atividade como um serviço de interesse público, com respeito total pelos seus leitores, em prol do desenvolvimento da identidade e da cultura local e regional, da promoção do progresso económico, social e cultural.

FICHA TÉCNICA

Mais Guimarães A Revista da Cidade Berço

Publicação Periódica Regional, Mensal

Tiragem

5.000 Exemplares

Proprietário

Eliseu Sampaio Publicidade, Unipessoal Lda.

NIPC 509 699 138

Sede e Sede da Redação Av. de São Gonçalo, n.º

319, 1.º Piso, Sala C, Oliveira, São Paio e São Sebastião

4810-525 Guimarães

Telefone 253 537 250 [Chamada para a rede fixa nacional, de acordo com o seu tarifário]

Email administracao@maisguimaraes.pt

Diretor e Editor

Eliseu de Jesus Neto Sampaio

Travessa Monte da Carreira N.º 490

4805-284 Ponte Guimarães

Registado na Entidade Reguladora Para

a Comunicação Social, sob o n.º. 126 352

ISSN 2182/9276 Depósito Legal n.º. 358 810/13

Administração: Eliseu de Jesus Neto Sampaio, detentor de 100% do capital da empresa.

Jornalistas

Leonardo Pereira e Eliseu Sampaio

Design Gráfico e Paginação

Mais Guimarães

Impressão e Acabamento

Gráfica Nascente, Artes Gráficas Lda.

Travessa Comendador Aberto M. Sousa

Lote 15, Zona Industrial - Vila Nova de Sande

4805-668 Guimarães

Fotografia de Capa

Leonardo Pereira

COMO PUBLICITAR

Contacte-nos e conheça as nossas campanhas de publicidade.

Telemóvel 917 953 912

[Chamada para a rede móvel nacional, de acordo com o seu tarifário]

com o seu tarifário]

Email geral@maisguimaraes.pt

www.maisguimaraes.pt

Av. S. Gonçalo 319, 1º Piso, Salas C

4810-525 Guimarães



f / MAISGUIMARAES



BATERIAS



**MECÂNICA
GERAL**



**MATERIAL
ELÉTRICO**



CHAPARIA



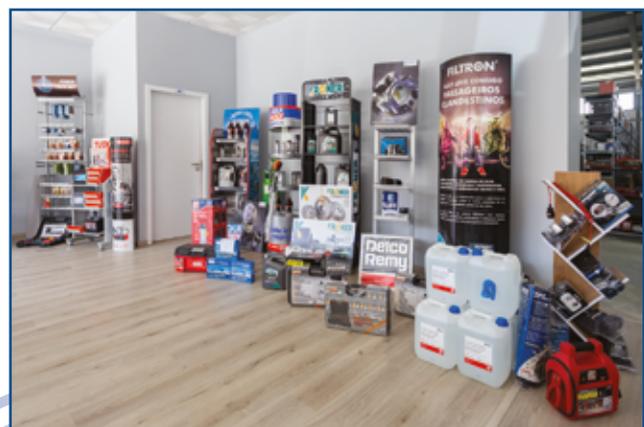
ACESSÓRIOS



**Rua Nossa Senhora da Ajuda
(EN105), 101, Moreira de Cónegos
4815-368 Guimarães**

Tlf: 253 521 315 *Chamada rede móvel.

info@casadasbaterias.com



WWW.CASADASBATERIAS.COM

Agenda Cultural de Guimarães

© SUSANA PAIVA



PASSAGEM SECRETA

02 de junho - Centro Internacional para as Artes José de Guimarães

Com interpretação de Fernando Mota, Passagem Secreta é um espetáculo sobre o sistema das árvores e da pertença a uma comunidade. Num diálogo entre a criação de música e os instrumentos musicais a partir das raízes das árvores e pedras, a peça sobe à Blackbox do CIAJG e explora a ideia da natureza e da arte e o seu papel transformador da sociedade. A Direção Cénica é de Sofia Cabrita, a poesia é de Vasco Gato e as imagens são da autoria de Mário Melo Costa.



© JOANA MENESES

THEO

07 de junho - Centro para os Assuntos da Arte e Arquitetura

O artista vimaranense mergulha nas profundezas da alma no seu mais recente álbum "Sombra". Depois de o ter lançado em abril, Theo leva o novo disco até ao CAAA no dia 07 de junho, prometendo levar os ouvintes por entre "uma jornada pungente pelas profundezas da dor solidão e perda" expressa. Através de um percurso de "paisagens emocionais desoladoras", o novo álbum "é mais que apenas um disco", assegura Theo. O lançamento de "Sombra" segue-se a Sinner, The World is not The same e Estilhaços, bem como outras apresentações em palcos como o Centro Cultural Vila Flor, no Holograma da Casa da Música, Sala Jagger (ES), Maus-Hábitos e CLAV.

© DIREITOS RESERVADOS



CONVOCADOS À MESA

03 de junho - Multiusos de Guimarães

Fernando Gomes é o segundo convidado do programa "Convocados à Mesa", programa organizado pela Tempo Livre e moderado pelo jornalista Vítor Lopes. O presidente da Federação Portuguesa de Futebol e ainda vice-presidente a UEFA estará em Guimarães numa tertúlia-jantar no pavilhão cultural vimaranense. Entre os seus cargos, assumiu funções como presidente da Liga Portuguesa de Futebol a 7 de junho de 2010 e foi eleito presidente da Federação Portuguesa de Futebol a 10 de dezembro de 2011.



© DIREITOS RESERVADOS

FEIRA DA PEQUENADA

08 a 16 de junho - Multiusos de Guimarães

Finalizadas o ano letivo e as aulas, as crianças encontram no Pavilhão Multiusos um mundo onde podem dar asas à sua imaginação e tornar-se naquilo que quiserem. Durante uma semana inteira, o palco das emoções transforma-se no mundo da fantasia em que os mais pequenos podem encontrar todo o tipo de diversões para partir para o verão da melhor forma. Desde barcos insufláveis até aos jogos virtuais de Fórmula 1, as crianças dos 03 aos 16 anos terão várias atividades para se divertirem.

© DIREITOS RESERVADOS



BLACKFACE

06 de junho - Centro Cultural Vila Flor

Incluído nos Festivais Gil Vicente, Blackface é um espetáculo a solo que reúne a música, a fantasia e o stand-up comedy no mesmo palco. Na sua peça, Marco Mendonça explora a história do blackface enquanto prática teatral racista e procura os limites da sua representação. Com início às 21h30 no Grande Auditório Francisca Abreu do Centro Cultural Vila Flor, no coração da cidade berço, o espetáculo procura ainda responder à seguinte questão: Será possível achar que não existe racismo em Portugal?



© DIREITOS RESERVADOS

PAISAGENS INÚTEIS

21 e 22 de junho - Centro Cultural Vila Flor

O espetáculo com direção artística de Vanda Rodrigues procura incluir todos na ligação à natureza, sem qualquer exceção. Apresentada em bilingue, ou seja, em língua portuguesa e em língua gestual, "Paisagens Inúteis" ousa correr atrás dos limites para falar com a natureza, um percurso real e metafórico rumo ao horizonte. Mas será possível ouvir e sentir a paisagem? Todos sentirão isso da mesma forma? A diretora responderá a essas questões juntamente com a interpretação de Margarida Monteny e cocriação de Sara Franqueira

GUIMARÃES DAQUI HOUE RESISTÊNCIA

TEXTO E FOTOGRAFIAS: ELISEU SAMPAIO

Livro de César Machado dá agora origem a uma série que será transmitida pelo Canal 1 da RTP no final deste ano. Em cinco episódios de 60 minutos cada serão retratadas as vidas de importantes figuras da região de Guimarães, das suas vidas e intervenções durante a década anterior à queda do Estado Novo, a 25 de abril de 1974.





Enquanto a cidade serve de cenário para as várias histórias retratadas em livro por César Machado, constrói-se o enredo escrito pelo próprio e pelo também vimaranense Pedro Bastos. Este projeto cinematográfico tem produção da Bando à Parte, de Rodrigo Areias, e da Olho de Vidro, conta com a realização de Edgar Pêra e também de Carlos Amaral.

"Daqui Houve Resistência" conta a história de ilustres vimaranenses como José Casimiro Ribeiro, que na série é interpretado por Albano Jerónimo, Santos Simões, por João Pedro Vaz, ou Lurdinhas de Urgeztes, pela atriz vimaranense Carolina Amaral, que lutaram pela queda do regime, apesar da distância física que separam as cidades de Guimarães e Lisboa. Fazem ainda parte do elenco nomes como Miguel Borges, Nuno Nolasco, João Nunes Monteiro e Nuno Preto.

"Daqui Houve Resistência" tem o apoio do Município de Guimarães, do Turismo de Portugal, do Ministério da Cultura e aval da Comissão Comemorativa dos 50 anos do 25 de Abril.

Encontramos César Machado na biblioteca da escola de Oliveira do Castelo e, como aquelas duas turmas do quarto ano, estivemos a ouvir atentamente histórias de resistência e sobre o contributo do 25 de abril de 1974 para o Portugal que hoje temos.

O César veio à escola falar sobre a revolução de 1974. É importante dar a conhecer a importância desse momento às novas gerações, para a história do país?

É claro que sim! E hoje, nos 50 anos do 25 de abril, julgo que seria obrigatório mesmo fazer uma comemoração à altura desta data e da importância que ela teve. Eu diria que, com as dúvidas que hoje nos assolam, por muitas razões, e que são conhecidas, temos que tocar as gerações mais novas e recordar como chegou o 25 de abril, lembrando, simultaneamente, o regime que vigorou em Portugal durante 48 anos.

Estas comunicações que tenho vindo a fazer, agora mais que nunca e em diferentes espaços, julgo que é uma espécie de bálsamo, porque vê-se da parte de muitos miudos a curiosidade que têm em relação às coisas. É de uma importância extraordinária para perceberem o sufoco em que viveram as gerações de portugueses, durante décadas, até ao 25 de abril.

Até porque cinquenta anos é algum tempo... É a altura de se falar a sério sobre os problemas do Estado Novo?

Quem tem agora 16, 17, 18 anos, ou 9 e 10 como é hoje o caso, nasceram em liberdade, cresceram em liberdade, esse bem é para eles tão natural como o ato de respirar.

Do mesmo modo que, para a minha geração, a República era uma coisa já consolidada, a ameaça dos espanhóis em bom rigor já não

representa nada para nós, ou do que representa para nós agora a monarquia, que é uma coisa do passado, de há muito tempo.

No entanto, começa a correr-se o risco de vermos os tempos da ditadura, da guerra colonial, da pressão, da turtura, da PIDE, a entrarem também nessa cota de acontecimentos, e do 25 de abril passar a ser um feriado mais, se der ponte tanto melhor. Era bom que não fosse assim. Por respeito pelos que lutaram, pelos que morreram, pelos que deram a vida por esta causa. Mas era bom, sobretudo, porque este bem que nós consideramos que é natural como o ar que respiramos, pode ser ou não. E ultimamente, as ameaças são muitas, não só em Portugal como na Europa e em todo o mundo.

Nós não sabemos, não temos a certeza que esta luta pela liberdade seja um luta ganha, porque sim. Ela ganha-se se nós quisermos, e por conseguinte, é sempre um prazer fazer estas comunicações porque acho que é uma missão cívica de que não podemos demitir-nos.

NÓS TEMOS UM CONJUNTO DE LUTAS QUE FORAM TRAVADAS NESTA ZONA QUE O RESTO DO PAÍS DESCONHECE.

Dentro desta missão que assumiu, de valorizar o trabalho que foi feito a partir daqui pela resistência ao Estado Novo, surge o livro, e uma homenagem a todos aqueles que, a partir de Guimarães e do norte do país, lutaram para que a liberdade chegasse...

Sim esse é um dos exemplo. Em 2004 tivemos um debate em tributo à memória dos 30 anos de 25 de abril. Coube-me moderar o debate em que tínhamos Santos Simões, Eduardo Ribeiro e Casimiro Ribeiro, já falecidos, e também Alberto Martins e João Ribeiro. O que tinham em comum é que todos tinham feito a sua luta de uma maneira muito determinada e muito determinante, com muito relevo, antes do 25 de abril, e em várias áreas, aqui ou fora.

Casimiro Ribeiro fez a sua luta em Paris, embora fosse preso depois aqui em Portugal, Alberto Martins em Coimbra, os outros cá. Guimarães tem esse ponto em comum, o território de onde saíram ou de onde fizeram a sua luta.

Em pleno debate pareceu óbvio que aquelas memórias, aqueles testemunhos eram demasiado ricos para se poderem perder. Ainda durante o debate surgiu a ideia de que era necessário fazer

É PRECISO FAZER JUSTIÇA A ESTAS MULHERES E A ESTES HOMENS, E SE A SÉRIE ATINGIR ISSO, EU ACHO QUE NÓS GANHAMOS.

alguma coisa com isto, e fez-se um livro que saiu dez anos depois, o livro Guimarães - Daqui houve resistência, numa edição de Cineclube.

Conclusão, logo no ano em que saiu o livro, 2014, o Rodrigo Areias disse-me "Vamos pôr o livro em filme, em cinema. Pensa nisso para daqui a dez anos, para os 50 anos do 25 de Abril". Rapidamente percebemos que não seria possível fazer um filme mas antes uma série. Era muita narrativa. Fui colecionando histórias e, ali por 2020, em plena pandemia, pensamos "é agora". A paragem forçada permitiu iniciar um intenso trabalho de escrita, em parceria com o Pedro Bastos, um homem do cinema. Elaboramos o tratamento da série e logo depois o argumento dos vários episódios.

É com o cuidado de manter a autenticidade...

É uma série de ficção mas baseada exatamente na vida daquelas personagens, que são as personagens do livro. A ideia não é fazer um documentário mas também não é macaquiar a história, há ali uma linha vermelha que consiste no perfil biográfico de cada um dos nossos personagens.

É uma forma nova de chegar aos mais novos, mostrando pessoas de Guimarães que contribuíram para essa resistência e para o 25 de abril de 1974, cujos acontecimentos não ocorreram só em Lisboa?

O livro não é um livro de localismo. Agora, o centro das operações é na verdade esta região de Braga, Guimarães, Famalicão, Fafe, em torno das lutas dos democratas de Braga, por exemplo. O que é extraordinário é que este território não sendo uma metrópole teve muita coisa, muito mais do que se imagina. E aqui, eu julgo que é um dos pontos mais importantes desta aventura, é que já não é apenas uma coisa só para mostrar aos mais novos, é uma coisa também para mostrar aos mais velhos. Há lacunas que são absolutamente incompreensíveis. Não é

possível perceber que, num livro sobre as vítimas de Salazar não apareçam nomes como Lino Lima, Santos Simões, Eduardo Ribeiro e outros, não é possível. Nós temos um conjunto de lutas que foram travadas nesta zona que o resto do país desconhece.

É preciso fazer justiça?

Justamente, a primeira reação que foi dada pela RTP foi muito interessante. Quando o tratamento da série foi apresentado, ainda sem o argumento, a resposta foi "nós queremos isso", logo. A série é baseada em factos reais, não está aqui nada que tenha sido inventado.

O resto do país está habituado a que, quando se fale em PIDE, se fale em António Maria Cardoso, como se fosse a mesma coisa, mas não é. Nós tivemos uma sede da PIDE na Rua do Heroísmo, onde aconteceram coisas terríveis, de Fafe morreram lá dois, por exemplo, e há um enorme desconhecimento sobre isto. Os Tribunais Plenários não aconteceram só na Boa Hora, aconteceram também no Porto, durante dezenas de anos. Figuras como Virgínia de Moura são figuras nacionais, esta que nasceu em Guimarães. Há um défice a corrigir relativamente ao modo como os lutas se travaram nesta nossa região.

É certo que a CDE de Braga, Comissão Democrática Eleitoral tem um prestígio único ao longo da resistência, seria provavelmente a mais operacional e a mais bem organizada das CDE's. Mas é bom recordar que foi a única que foi até ao fim nas eleições de 1957 e de 1965. O curioso é que a gente às vezes vê livros de historiadores com muita responsabilidade a dizerem que a oposição acabou por não ir às urnas, mas foi, em Braga foi. E também é bom que este alerta seja dado não apenas para os jovens, mas também para esse lado [os mais velhos] que não viu ainda o que se passou aqui. É preciso fazer justiça a estas mulheres e a estes homens, e se a série atingir isso, eu acho que nós ganhamos.

Está ansioso para ver os primeiros episódios?

Obviamente, eu vi um pouco de uma ou outra gravação e acho que vai dar uma coisa muito boa, até porque tem gente muito boa a trabalhar. O Rodrigo Areias, com o Bando à Parte, criou uma equipa fabulosa, com bons realizadores, bons atores, uma data de atores conhecidos dos portugueses até, dos melhores filmes e das melhores séries. Então eu acredito que a série vá funcionar muito bem.



Artigo de opinião

A IMPORTÂNCIA DE DESCER A TAXA DE IRC, JÁ!



Alberto Martins
Gestor de Empresas

Portugal apresenta atualmente, segundo os cálculos da OCDE, uma taxa efetiva de IRC de 27,5%, o que representa um dos valores mais elevados da Europa. Esta taxa extremamente elevada, tem vindo a penalizar fortemente a economia Portuguesa, refletindo-se em crescimentos anémicos e em dificuldades estruturais de captação de grandes empresas, sobretudo as que criam escala e valor acrescentado. Apesar da taxa de IRC em Portugal se fixar nos 21% [aplicando a taxa de 17% para os primeiros 50.000€ de lucro nas PME], a taxa efetiva Portuguesa é aditivada com outras taxas, como a derrama, a derrama estadual ou as famosas tributações autónomas. Pondo em perspetiva, Portugal compara a sua taxa de 27,5%, com por exemplo, a de 24,4% da Bélgica, 24,8% da Áustria, os 17,1% da Itália ou os praticamente inalcançáveis 12,8% da Irlanda.

Segundo um estudo da Fundação Francisco Manuel dos Santos, o facto de Portugal não ter acompanhado a descida da carga fiscal sobre as empresas, no contexto Europeu, teve reais impactos negativos sobre a produtividade, a criação de riqueza e no consumo interno. Esta Fundação estimou, que, com uma descida de 7,5% da taxa efetiva de IRC, o país iria aumentar o seu PIB [Produto Interno Bruto] em 1,44% no curto prazo e 1,4% a mais longo prazo. Esta descida da carga fiscal sobre as empresas, teria ainda um impacto positivo no investimento, na competitividade da nossa economia [que como sabemos é extremamente frágil e dependente de alguns setores tradicionais, especialmente ameaçados por mercados emergentes] e no consumo interno, alavancado por um aumento das remunerações do trabalho. Por vezes, a visão redutora e minimalista que existe, que aumentando os impostos sobre as empresas, permite libertar recursos para as pessoas é errada e fica comprovada facilmente neste estudo. O aumento dos salários está diretamente ligado à redução da carga fiscal sobre as empresas, uma vez que liberta recursos e permite a partilha dos mesmos.

Esta medida permitiria a Portugal, não só se relançar economicamente no contexto onde está inserido, como, se preparar para o choque com novos mercados e eventuais novos parceiros do flanco leste Europeu, que brevemente poderão entrar para a União Europeia.

Contudo, sabemos que esta descida de IRC, representa uma perda significativa de receita fiscal, o que poderia colocar em causa a saúde das finanças públicas a curto prazo. É, naturalmente necessário, articular uma forma ardisosa de recuperação do valor correspondente à perda de receita fiscal. O referido estudo da FFMS, dá pistas sobre as alternativas, indo desde o aumento dos impostos diretos, até aos impostos indiretos. Eu diria que começaria pela reforma do estado central [com extinção de diversas direções gerais e institutos públicos, fundindo outras e reforçando as sinergias en-

tre elas], um efetivo reforço da fiscalização a empresas e pessoas singulares e a aceleração e desburocratização dos fundos estruturais, como é exemplo disso o PRR, que apresenta ainda uma baixa taxa de execução.

Tendo em conta a proposta que consta do programa de governo, do atual executivo, que prevê uma redução da taxa de IRC de forma faseada e gradual, ao ritmo de 2% ao ano, julgo ser a forma mais avisada e mais ponderada de verificar a boa aplicabilidade da medida e o necessário equilíbrio das contas públicas. Esta descida estrutural, permitirá a Portugal caminhar para o pelotão da frente da competitividade e diversificação da nossa economia, bem como permitir a melhoria dos salários dos Portugueses, dentro de uma legislatura.



ORIENTA-TE!: MULTIUSOS RECEBEU FEIRA DE OPORTUNIDADES PARA OS JOVENS

TEXTO: CARLA ALVES • FOTOGRAFIAS: RODRIGO FERNANDES

Na Feira de Oportunidades “Orienta-te”, que regressou ao Pavilhão Multiusos de Guimarães entre os dias 09 e 11 de maio, estiveram presentes mais de 60 instituições de ensino, formação e emprego numa ação dirigida aos jovens a partir do 9º ano de escolaridade.

O objetivo do evento, agora com a organização do Departamento da Juventude da Câmara Municipal de Guimarães, foi orientar todos os jovens, que ingressarão no ensino superior e no mercado de trabalho, nas suas opções formativas e profissionais.

Presente na sessão de abertura, Domingos Bragança, presidente do município de Guimarães, destacou que o evento permite aos jovens terem contacto com uma oferta formativa cada vez mais diversificada: “Tenho a certeza de que esta oferta educativa e empresarial, de uma riqueza excepcional, será decisiva para o futuro destes jovens”, concluiu.



Adelina Paula Pinto, vereadora da educação, reforçou que este evento “vem complementar todo o trabalho que é feito nas escolas há longos anos. Cada vez mais estamos convencidos da importância de uma orientação cada vez mais precoce. Consideramos que não é só no 9º ano ou só no 12º que temos que trabalhar o futuro dos alunos, e portanto estamos a trabalhar cada vez mais cedo na identificação das suas próprias apetências e de como é que eles se podem depois integrar no mercado de trabalho”, disse.

PUB

FEIRA DA Pequenada

08-16
junho

MULTIUSOS DE
GUIMARÃES

Vem divertir-te
à brava!

ENTRADA LIVRE

ORGANIZAÇÃO



PARCEIROS OFICIAIS



MAIS INFORMAÇÕES:
MULTIUSOSDEGUIMARAES.PT



TERRAS DE VIMARANES QUER SER CAPITAL DE VINHO VERDE UMA VEZ POR ANO

TEXTO: CARLA ALVES • FOTOGRAFIAS: RODRIGO FERNANDES

A primeira edição da Festa de Vinhos de Vimaranes decorre nos dias 31 de maio e 01 de junho, na antiga Fábrica da Ramada, onde haverá também o 2º Capítulo de Entronização da Confraria Terras de Vimaranes.

Esta festa, organizada pela Confraria Terras de Vimaranes, surge com o objetivo de enaltecer o trabalho dos produtores de Guimarães e da qualidade do vinho que produzem. Estes dias serão, portanto, uma possibilidade de confraternização e troca de ideias por parte dos vários produtores, profissionais da hotelaria, restauração e comerciantes.

O evento reunirá a presença de 12 produtores da região, juntamente com a Adega Cooperativa de Guimarães. Mário Moreira, presidente da Confraria Terras de Vimaranes explica que o evento tem como objetivo “promover os nossos produtos, a gastronomia, os vinhos e o património”. Ainda em fase de planeamento da primeira edição desta festa, o presidente da Confraria admite que o pensamento já está numa segunda edição. Uma das grandes ambições é “transformar, pelo menos uma vez no ano, a capital do Vinho Verde, em Guimarães”.

Nestes dias, haverá várias atividades como masterclasses, show cooking, concursos e alguns espetáculos. A tarde de dia 31 de maio, antes da abertura ao público, será dedicada aos profissionais da área, de forma a “sensibilizar a restauração e a hotelaria para que tenham nas suas cartas os vinhos de Guimarães”, como nos explica Mário Moreira.



Paulo Lopes Silva, vereador da Cultura, afirma que a Câmara Municipal de Guimarães faz parte do sucesso da mudança de paradigma do vinho verde na região. “Os nossos vinhos, de facto, têm feito uma evolução do ponto de vista qualitativo, da diversificação, do posicionamento do produto em termos nacionais e internacionais. É com experiências associadas ao vinho que nós temos tentado promover junto dos diferentes agentes do turismo, como forma de promover e divulgar a cidade através dos seus vinhos e da sua gastronomia. Esse é um trabalho que queremos continuar a fazer e no qual a Confraria Terra de Vimaranes tem dado um contributo muito importante”.

O vereador aproveitou a oportunidade e lançou também o desafio aos empresários da restauração em aumentarem o leque de escolha de vinhos da região nas suas cartas. “Encontramos vinhos cada vez mais estruturados, vinhos com uma grande diversidade, com castas diferentes. São vinhos já muitos diferentes e podem estar já nas nossas cartas para acompanharem a nossa gastronomia local”. Considerando que não “haverá melhor companhia para a nossa gastronomia local do que os vinhos da nossa região”.

“ORGULHOSO DAS CONQUISTAS”, MANUEL MENDES COLOCA PONTO FINAL NA CARREIRA

TEXTO: LEONARDO PEREIRA • FOTOGRAFIAS: JOANA MENESES

Manuel Mendes despede-se “publicamente deste capítulo, de quase uma década, como atleta de alto rendimento, com um grande sentimento de concretização e gratidão”. O atleta expressa que, “nos últimos oito anos, dei sempre o meu melhor, pelo clube, pela cidade e pelo país e termino assim, uma jornada marcante com a cabeça erguida, orgulhoso das conquistas que trouxe ao atletismo e ao desporto português.”

Exemplo de superação, o vimaranense aponta que “aos nove anos perdi um braço e quase toquei no inferno, porém através do desporto e da resiliência, fui capaz de tocar no céu. Ao longo destes anos, vivi momentos de grande alegria, mas também de profunda emoção. Foi, sem dúvida, uma trajetória repleta de ensinamentos e crescimento pessoal. Cada quilómetro, cada treino, cada competição, moldaram – me; não apenas como atleta, mas como ser humano.”

Por fim, Manuel Mendes partilhou a sua “gratidão a todos os que me acompanharam neste processo. Desde treinadores, o departamento médico profissional do Vitória SC, a Federação Portuguesa de Atletismo, o Comité Paralímpico de Portugal, o Município de Guimarães, o Vitória Sport Clube, o Atletismo V.S.C, as Diversões Pedral, os colegas de treino, os patrocinadores, a Tempo Livre e por último mas não menos importante, os meus amigos leais e minha amada família, que sempre me apoiaram, um grande obrigado.

No currículo desportivo, o atleta conta com uma medalha de bronze na maratona T46 no Rio de Janeiro e de prata no mundial de Londres. Além disso, é campeão nacional de maratona em 2021 e 2022. Tornou-se também campeão nacional de estrada em 2017, 2018, 2019, 2020, 2021 e 2022.

Manuel Mendes foi também oitavo classificado nos Jogos Paralímpicos de Tóquio, quarto classificado no Campeonato do Mundo de Maratona IPC em 2017 e 2019 e ficou em segundo lugar em 2018.



PUB

Meu Super

SUPER MERCADO
da porta ao lado

Já abriu!

EM NOVAIS FAMALICÃO

CREIXOMIL
Rua da Índia,
nº 462, Loja 4,
4835-061

TROFA
Rua Costa Ferreira,
nº 100, Loja 4,
4785-298

RONFE
Alameda Professor
Abel Salazar, nº 29
4805-375

Segunda a Sábado
08h00 às 20h00

ANTÓNIO GAMA BRANDÃO: 63 ANOS DE HISTÓRIAS RESULTARAM NUM LIVRO EM LOUVOR DAS CRIANÇAS

TEXTO E FOTOGRAFIAS: CARLA ALVES



António Gama Brandão apresentou mais um livro da sua autoria, intitulado de “Fragmentos da Vivência Clínica dum Pediatra”, no passado dia 02 de maio, no auditório do Palácio Vila Flor. O autor, que foi o fundador do Lions Clube de Guimarães, é reconhecidamente o principal responsável pela criação do Serviço de Pediatria em 1971 na cidade berço. Para além de ser o pioneiro nos cuidados de saúde das crianças e o primeiro diretor do Serviço de Pediatria em Guimarães, é agora também uma referência para a sua e, essencialmente, para as novas gerações de médicos. Aos 93 anos de idade, dos quais dedicou 63 ao serviço pediátrico, o escritor lançou agora a sua 5ª obra, onde desvenda vários casos reais que lhe passaram pelas mãos ao longo dos vastos anos de carreira.

Na cerimónia de apresentação estiveram presentes familiares, amigos, profissionais de saúde e várias personalidades do conceito e do lionismo nacional. O autor do livro mostrou-se emocionado e começou o seu discurso agradecendo aos companheiros de mesa dos quais se fazia acompanhar, nomeadamente Luís Freitas, Presidente do Lions Clube de Guimarães, José Maria Gorgulho, Past-Director Internacional de Lions Clubes e também, Domingos Bragança, presidente da Câmara Municipal de Guimarães.

"CONVÉM OUVIR ATENTAMENTE AS CRIANÇAS, DIALOGANDO E BRINCANDO COM ELAS E ASSISTIR, QUANDO POSSÍVEL, ÀS VARIÁVEIS INTERVENÇÕES A QUE SE DEDICAM. UM CONSISTENTE VÍNCULO ENTRE A CRIANÇA E OS PAIS, CONSTITUÍ UM FLUXO MAIS INEQUÍVOCO NA VIDA DE UMA CRIANÇA."

O escritor revelou que foi a sua esposa, Teresa Gama Brandão, que lhe deu a força necessária para lançar a obra e que o objetivo daqueles, outrora rascunhos, eram “para ficar em casa com os meus filhos e não para publicar. Foi a minha mulher que me incentivou”. Dessa forma, não perdeu a oportunidade de agradecer em público à sua esposa. “Tenho de exprimir a minha gratidão à Teresa, a minha mulher, por ter insistido na publicação deste livro e aconselhar na doação dos exemplares limitados ao Lions Clube de Guimarães que os difundirá”. A quantia proveniente da venda dos exemplares destina-se à angariação de verbas para a campanha a favor das crianças com cancro, campanha esta também promovida pelos Lions Clube de Portugal.

António Gama Brandão relata que as páginas daquele livro já há muito haviam sido escritas, uma vez que, começou a registar desde logo, todas as histórias com que se cruzou. “Desde o princípio, que eu comecei a ver casos muito interessantes, comecei em Lisboa com o estado da pediatria e achava interessante o diálogo da mãe com os filhos”. Após a sua curta passagem por Lisboa, onde começou a sua vida profissional, foi encaminhado para Guimarães onde encontrou uma dura realidade e uma batalha para enfrentar. “Após ter estagiado no hospital de crianças, na Dona Estefânia,

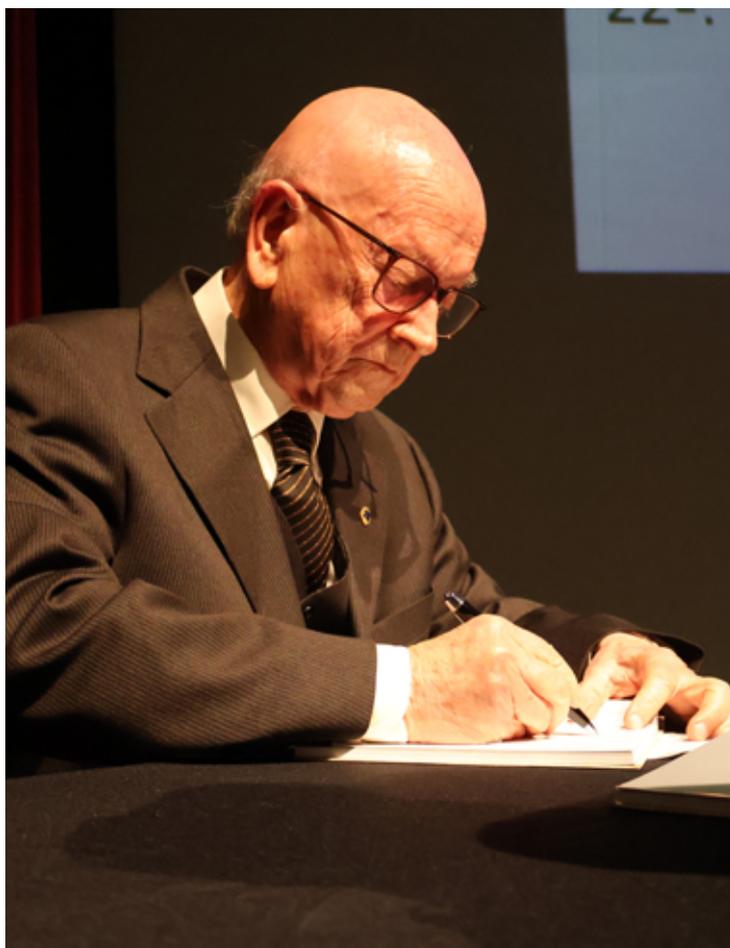


seguidamente vim para esta histórica e aprazível cidade minhota que eu mal conhecia. Nessa altura, a taxa de mortalidade infantil em Portugal era extremamente elevada em relação a outras nações europeias, o que traduzia a falta de incremento médico social e cultural. Quanto aos distritos, o de Braga igualava o número de mortes infantis. Guimarães era o concelho com taxa de mortalidade infantil mais elevada". Para além dos dados estatísticos, que à partida, seriam por si só, algo desmotivador, confessou que também encontrou dificuldades nas próprias instalações do hospital. "O panorama não era encorajador. Era perplexo. Voltei aos primórdios da minha atividade profissional ao certificar-me que no hospital da misericórdia não havia qualquer espaço para movimentar o entrosamento de crianças e também não se processava uma consulta exterior".

O autor revela que após encontrar um cenário tão gravoso, decidiu que deveria criar soluções para os problemas que encontrara na altura. "Os meus anseios fulcrais consistiam em criar um hospital um serviço de pediatria moderna, uma unidade de metodologia, mas igualmente solicitada aos dirigentes dos serviços médico-sociais, a abertura de uma consulta de pediatria e, entretanto, pedi, à direção do hospital, autorização para concretizar uma consulta externa de pediatria oferecendo-me para exercer gratuitamente", revela.

"QUANDO SE É JOVEM A APTIDÃO DE SONHAR CIRCUNSCREVE AS LAMÚRIAS E O DESÂNIMO PELO QUE NADA OBSTAVA QUE CONTINUASSE A EXECUTAR A FAMOSOS ESFORÇOS, A NÍVEL LOCAL E GOVERNAMENTAL, INTENTANDO REVIGORAR O ESPÍRITO MEDIANTE A ESPERANÇA QUE ME TREMELUZIA NO CORAÇÃO."

Foi nessa altura, que o médico pediatra conseguiu um dos maiores feitos da história da medicina em Guimarães: criar o serviço de Pediatria em 1971, depois de uma luta de cerca de dez anos. Confessa que "quando se é jovem a aptidão de sonhar circunscribe as lamúrias e o desânimo pelo que nada obstava que continuasse a executar a famosos esforços, a nível local e governamental, intentando revigorar o espírito mediante a esperança que me tremeluzia no coração".



No seu discurso, confidencia ter vivido dois momentos na vida profissional hospitalar que o deixaram perplexos de felicidade. "Eis o primeiro: próximo de atingir a reforma, os colegas pediatras, congregando o sentido do coletivo, propuseram à direção do hospital Nossa Senhora da Oliveira, a colocação de uma placa com o meu nome no serviço de pediatria no qual era diretor no início da sua fundação. O segundo teve lugar há três anos, por ocasião da comemoração dos 50 anos do serviço de pediatria, onde foi elaborado um programa científico excelentemente estruturado.

Ao longo dos vários anos de carreira, para além das suas várias qualidades enquanto médico pediatra, assume que tentava, de alguma forma, diferenciar as suas consultas com conteúdo educacional, essencialmente, para os pais das crianças. "Sinto que a observação clínica suscitava alguns comentários marginais em relação às crianças e aos familiares que as acompanhavam, tentei incitar [sempre] as suas qualidades, a sua fonte de imaginação e os seus ideais, em detrimento de terem um bom ou sofrível rendimento escolar". Em consulta, incitava os pais a deixarem as crianças usarem a imaginação, de forma a serem mais livres e autónomas. Acreditando que "as crianças que forem envolvidas em lendas, favas e ficções, nas suas diversões, criam bases passíveis de interferir na sua gênese, permitindo maiores voos. A leitura, a prática do desporto, de jogos, como o xadrez, a música, são dos fatores mais influentes para sublimar os seus atributos cognitivos". Reforçando que "os primeiros grandes educadores de uma criança são os pais e os seus mais íntimos familiares". O escritor acredita que um dos maiores problemas nos dias que correm é o facilitismo quanto à educação das crianças, afirmando que "os pais abandonam a educação e entregam-nas aos institutos e as coisas e tem de ter os seus contras tem que haver um certo bom senso e é isso que dá trabalho.

O autor considera que "a infância não é sinónimo de felicidade e o sofrimento pode ser físico, emocional ou psicológico. Impõe-se uma cordial e abrupta percepção acerca do seu modo de viver mas as experiências contribuem para o desenvolvimento de todas as potencialidades da criança, que tem de estar integrada num ambiente sadio, harmonioso e sob o cimo da ética".

Questionado sobre o futuro da pediatria assume que "cada vez mais, há serviços de pediatria a funcionar muito bem", confessando que esse pode ser um excelente indicador para aquilo que o futuro nos reserva.

O autor foi muito elogiado na sessão pelas suas qualidades humanas e trabalho em prol das crianças e da comunidade, nomeadamente por Domingos Bragança, presidente da Câmara Municipal de Guimarães, que também marcou presença no evento. O presidente de Guimarães aproveitou a oportunidade para proferir em público o quão lisonjeado se sente em ser amigo e reconhecedor do trabalho de António Gama Brandão, agradecendo-lhe toda a dedicação à cidade e a todos os vimearanenses.

Com a convicção de que "é preciso olhar toda a vida com os olhos de criança" citando Henry Matasse, despede-se subentendendo que esta poderá ser a sua última publicação.

Artigo de opinião

EU AINDA SOU DO TEMPO EM QUE UMA CRIANÇA BRINÇAVA LIVREMENTE E TU?



Diana Pinto
Educatora de Infância

“Ao longo da História da Humanidade, independentemente das mudanças verificadas, as crianças sempre brincaram. Brincar é a vivência de um estado de ausência e suspensão temporária do mundo real, como um altar sagrado em que o corpo se ilumina de imaginação e sabedoria por estar perto dos deuses, um santuário de segurança.”

Carlos Neto (2020)

Sempre houve crianças mas nem sempre houve infância, isto é, nem sempre o estatuto de infância como um estágio de desenvolvimento humano, diferente da adolescência e da vida adulta foi considerado. Praticou-se o infanticídio durante séculos e até nas artes plásticas as crianças eram representadas como adultos em miniatura. No Iluminismo e no séc. XVIII começaram a emergir e proliferar filósofos e educadores defensores da infância mas, cronologicamente falando, só no final do século passado é que foi assinado a Declaração dos Direitos da Criança.

Hoje, atravessamos uma era de grandes avanços digitais e tecnológicos, nas últimas duas décadas houve progressos a um ritmo vertiginoso. Com esses avanços, o estudo do cérebro tem vindo a ser cada vez mais aprofundado. As neurociências têm vindo a dar cada vez mais credibilidade à importância da primeira infância (primeiros seis anos da vida humana) já que é neste período que mais sinapses (ligações neurais) ocorrem por segundo e a neuroplasticidade, apesar de ser uma faculdade do cérebro que ocorre também em idades mais avançadas, nesta fase inicial da vida humana está ao rubro, sendo a qualidade dos estímulos oferecidos à criança essenciais para um desenvolvimento pleno. É um facto que a infância, também à luz da ciência, nunca teve tanto destaque como no século XXI.

Mas o que é ser criança no século XXI? Estarão as crianças de hoje a viver uma infância em toda a sua plenitude? Que estímulos ambientais lhes estamos a proporcionar? Parece-me que apesar de tudo parecer girar em torno da criança: discursos políticos, ciência, medicina, literatura, brinquedos cada vez mais sofisticados, canais de televisão, canais do youtube e outras plataformas digitais, parques infantis totalmente estruturados, pavilhões de diversão para festas, estamos a tirar a estas crianças nativo-digitais um direito que deveria ser básico e universal a toda e qualquer criança: o brincar livre. Não queremos que as nossas crianças passem por momentos de tédio mas é, precisamente, nos momentos em que a criança se sente mais entediada que a imaginação mais flui. A parte criativa e inventiva do cérebro de uma criança é muito mais estimulada quando uma criança não tem acesso a brinquedos altamente estruturados e a tecnologia. Hoje somos assolados por um medo quase irracional de deixar uma criança pequena brincar livremente, explorar o meio envolvente e o que nos devia, realmente, paralisar de medo é este excesso de consumo do recreativo digital: ecrãs ao pequeno almoço, almoço, antes de dormir e ao jantar. E não obstante a isso, parece que queremos preencher os seus horários com atividades extracurriculares e, entre a língua nova que estão a aprender, as aulas de dança rítmica, de natação sincronizada e os cinco instrumentos que já sabem tocar, corremos o sério risco de não nos sobrar tempo para de lhes falar e lhes tocar nos corações. A expressão doce far niente, de doce passou a amarga. Estamos na era dos fazedores, dos empreendedores, do “não há tempo a perder”, do “o futuro é agora”. E esquecemo-nos que é o presente que importa porque para uma criança o presente é eterno, ou melhor, o presente faz-se eterno quando a criança brinca livremente, imagina, sonha, vibra

Diz-se que durante os séculos, sempre houve crianças mas nem sempre houve infância. A verdade é que durante a história da humanidade, nunca a infância teve tanto destaque como no século XXI mas, nunca a criança esteve tão “aprisionada”, dependente das baterias e privada de brincar livremente como nos dias que correm.

Que este 1 de junho de 2024, nos faça a nós, adultos, refletir.

Celebremos as crianças e honremos esta fase da vida. E a melhor forma de honrar e celebrar a infância é olhar para as crianças com olhos de ver e sentir, é deixá-las correr, saltar e brincar com pedrinhas, penas, paus, o que a sua imaginação ditar e tirarmos os olhos do ecrã para olharmos para elas enquanto brincam. Enquanto mãe e educadora de infância vos garanto: é um espetáculo majestoso.

Com Amor,
Diana.



NÚCLEO DE GUIMARÃES E VIZELA: 100 ANOS DE UM MOVIMENTO “AO SERVIÇO DA COMUNIDADE”

TEXTO E FOTOGRAFIAS: LEONARDO PEREIRA





Criado a 18 de maio de 1924, o Núcleo de Guimarães e Vizela do Corpo Nacional de Escutas (CNE) chegou ao centenário, sendo atualmente o maior de todo o território nacional. Reúne 2.998 escuteiros divididos pelos 53 agrupamentos que pertencem ao Arciprestado de Guimarães e Vizela.

Sendo um movimento de juventude não formal, o escutismo está presente em quase todos países do mundo e divide-se por quatro faixas etárias: Lobitos (6 aos 10 anos), Exploradores (10 aos 14 anos), Pioneiros (14 aos 18 anos) e Caminheiros (18 aos 22 anos). O percurso regular do escuteiro termina aos 22, idade em que Baden-Powell, fundador do movimento, entende que os jovens estão preparados para a vida adulta.

Apesar da difícil definição do escutismo, Alexandre Novais, chefe do Núcleo de Guimarães e Vizela, entende que o conceito do termo pode ter duas visões distintas mediante a idade de quem o dá. O dirigente vimaranense expressa que, para um adulto, ser escuteiro “é estar ao serviço da juventude e da comunidade, educando-os para uma sociedade mais justa, fraterna, coesa e com mais paz. Para mim, ser escuteiro é ajudá-los para que sejam diferentes.”

Beatriz Guimarães, escuteira do Agrupamento 322 - Urgeses, considera que o escutismo “é uma forma de nos desligarmos de todos os problemas e virmos para cá ajudar, mostrar quem somos e fazer coisas que nem toda a gente faz.” Já Alexandre Fernandes, escuteiro do mesmo agrupamento, frisa que “é viver num ambiente rodeado por paisagens.”

O escutismo arrancou no início do século XX, mais especificamente em 1907, em Inglaterra, quando Baden Powell organizou um pequeno acampamento para formar jovens. Depois de publicar algumas obras ligadas ao movimento e vê-lo dar os primeiros passos no seu país, Baden Powell levou o escutismo além-fronteiras para o Chile, Canadá e Estados Unidos da América. Inicialmente, o movimento era um programa educativo direcionado para rapazes entre os 11 e os 18 anos, mas não demorou muito tempo até se expandir para crianças e jovens de outras idades. A partir daí, rapazes e raparigas de todas as idades aderiram.

Em Portugal, o movimento nasceu no dia 27 de maio de 1923, em Braga, pelas mãos do arcebispo D. Manuel Vieira de Matos e pelo Dr. Avelino Gonçalves. Ambos assistiram a um desfile de 20.000 escuteiros em Roma e estudaram, juntamente com alguns jovens, a possibilidade de introduzir o escutismo no território nacional. A 26 de maio de 1924 foi publicado o Decreto-lei n.º 9729 que confirmou a aprovação dos estatutos do Corpo de Scouts Católicos Portugueses e alargou o movimento a todo o território português. O crescimento do escutismo foi maior na zona Norte do país e ainda hoje, por tradição, existem mais escuteiros no distrito de Braga, que é composto por nove núcleos. Em Guimarães, o movimento

começou no Agrupamento 5 - Ronfe. Já o mais recente é o Agrupamento 1259 - Sande São Clemente.

Além de ser o maior, o Núcleo de Guimarães e Vizela é um dos mais antigos de Portugal, uma característica que faz com que tenha “bastante tradição”, entende Alexandre Novais. Depois de “uma história bonita” que marcou os primeiros 100 anos, o chefe quer “projetar o futuro e continuar o trabalho daqueles que trouxeram o escutismo até este momento. A nossa missão é pensar no próximo centenário e perceber o que podemos fazer para dar alento ao futuro.”

O ESCUTISMO CORRE NO SANGUE DA FAMÍLIA FERNANDES

Os irmãos Rúben e Alexandre são oficialmente escuteiros no Agrupamento 322 - Urgeses desde os lobitos (6 anos), mas acompanham o movimento desde que estavam dentro da barriga da sua mãe, Graciela, que é dirigente do mesmo agrupamento e secretária do Ambiente e da Sustentabilidade no Núcleo de Guimarães e Vizela do CNE. No entanto, a paixão pelo escutismo não se fica por aqui. O pai dos manos também é escuteiro, bem como os avós.

Rúben Fernandes, de 17 anos, considera que o movimento mundial “já faz parte da família” e que já é algo que “passa de geração em geração. O escutismo é sempre assunto na mesa”, acrescenta. Com ambição em ser jornalista ou treinador de futebol, o vimaranense enaltece que o escutismo poderá ser importante nesse percurso “por ajudar no crescimento do trabalho em equipa e por dar resiliência.”



Recordando o Kandersteg International Scout Center, na Suíça, como a melhor experiência relacionada com o escutismo, o jovem ressalva que tem mais facilidades em criar amizades por ser escuteiro: “Sempre que vamos para um acampamento novo conhecemos pessoas diferentes. Tenho muitos amigos nos escuteiros, então tenho uma grande convivência com as pessoas. É mais fácil fazermos amigos aqui por termos essas habilidades. O acampamento internacional de escuteiros na Suíça, localizado a cerca de 60 quilómetros de Bern, acaba por se tornar numa experiência que muda a vida dos jovens. Em 2019, Rúben saiu do país pela primeira vez até Kandersteg, uma semana que o “marcou. Fizemos atividades, acampamos e conhecemos pessoas novas.”

Mas o que é ser escuteiro? O vimaranense explica que ser escuteiro “é um desafio que nos leva ao máximo das nossas capacidades e do nosso stress, mas temos de nos aguentar. Vejo-o como um bom movimento para nós jovens.”

Oito anos mais novo, Alexandre Fernandes considera que ser escuteiro “é cuidar da natureza, fazer atividades e amigos.” O pequeno Alexandre recorda os momentos “que vinha para os escuteiros com a minha mãe quando estava dentro da barriga dela. Depois de nascer, não podia ficar em casa sozinho e vinha junto com ela. Não foi uma questão de decisão, foi obrigatório, mas sempre quis.”

Nascido numa família ligada ao movimento, o lobito não vê o facto de os pais serem escuteiros como um problema: “Eles são escuteiros e é melhor para mim”. Tal como o irmão, Alexandre quer “sempre ser sempre escuteiro e morrer escuteiro”.

Graciela Fernandes admite nunca ter obrigado os dois filhos a entrarem no escutismo. Explica que “vêm por opção própria. Também acabaram por vir porque nós [pais] também cá estávamos. O escutismo já faz parte da família. Se nos esquecermos disto já são eles [filhos] que puxam por nós para irmos às atividades, já faz parte da vida deles. Passa de geração em geração.” Todavia, a mãe acredita que a presença dos seus pupilos no Agrupamento 322 - Urzezes é uma mais-valia para que “ganhem autonomia e para que tenham maior facilidade em criar amigos. E acima de tudo é uma segunda família para eles.”

A dirigente daquele agrupamento lida constantemente com crianças e jovens, uma tarefa que “não é fácil, porque todos são diferentes. Esse é um desafio semana após semana. Mas eles são aqueles filhos que não temos e que passam a ser nossos, temos de lidar com as emoções e o crescimento deles.” O cargo de Graciela Fernandes coloca em cima de si uma responsabilidade maior porque acaba “por ser alguém em quem eles depositam mais confiança e que não dão aos pais ou amigos.”



Descrevendo o escutismo como “liberdade” e como uma atividade em que “podemos ser crianças e adultos ao mesmo tempo”, a vimaranense sublinha que o movimento “prima pela diferença”. Tentamos sempre transmitir a importância da sua autonomia, queremos que saibam estar num momento feliz e infeliz e procuramos que se tornem em cidadãos completos. Se saírem daqui a cumprirem o essencial, já fizemos o nosso papel. Somos só um apêndice do pai e da mãe.”

Para Graciela Fernandes, a comunidade de Guimarães e Vize-la “não seria a mesma” sem a existência dos escuteiros, por estes “terem um carisma diferente”. A sociedade já está habitada a ver-nos nos serviços como o voluntariado, ajuda nas paróquias, angariação de fundos e enquanto Proteção Civil”. Só o tradicional lenço ao pescoço faz com que as pessoas “saibam que são os escuteiros que estão lá. Embora trabalhem sem recompensa, é importante sermos reconhecidos de alguma forma.” Um dos princípios do escutismo que Graciela enaltece é a “ajuda ao próximo”, ação que tenta passar para os mais jovens: “Temos de lhes passar essa ideologia, porque se ajudarmos o próximo, ajudamo-nos a nós próprios e essa pessoa fica melhor servida.”

Ainda sem pensar num futuro longínquo, naturalmente, a vimaranense frisa que “ficaria muito contente se os meus descendentes fossem escuteiros. É um orgulho para qualquer membro do CNE ter família no escutismo, porque é uma instituição de garantia e um porto de abrigo.”

Beatriz Guimarães, de 17 anos, também é escuteira no Agrupamento 322 - Urzezes e seguiu os mesmos passos que a sua irmã. Com trajeto feito desde os lobitos, sente que o movimento lhe permite “estar com as pessoas que não vejo todos os dias e fazer atividades diferentes. Vimos para cá, ajudamos e mostramos quem somos fazendo coisas que nem todos fazem. Só quem está cá sabe o que sentimos.” Caracteriza-se como alguém “com ins-



tinto de liderança” e assume que o escutismo foi o responsável por essa faceta: “Colocaram-me os desafios à frente e sempre consegui enfrentar tudo. Tenho instinto de liderança e foi aqui que aprendi isso.” A jovem pretende ingressar no curso de Educação Básica para lutar pelo sonho de ser professora e aponta que a “responsabilidade de ajudar os lobitos ou exploradores” pode ter um grande impacto na sua ambição.

À PROCURA DE ALTERAR O “MODELO DA SOCIEDADE” CONTEMPORÂNEA

Quando um jovem entra para o escutismo, “encontra algo que não vê nas outras associações”, garante o chefe vimaranense. Numa análise ao quotidiano das crianças, Alexandre Novais encontra um “modelo de sociedade” definido pelo percurso “escola - casa - centro de estudos - atividades extracurriculares como ballet, futebol ou música.”

Nesse habitual dia a dia, o escutismo surge como uma atividade “diferente, porque queremos que os miúdos contactem e protejam a natureza”. As crianças e jovens “sentem que vão encontrar bons momentos, mas também terão de perceber que deixarão de fazer certas coisas, como o uso do telemóvel, para estarem mais junto dos amigos e aprenderem a realizar tarefas. Temos a regra do “aprender fazendo”. Na visão de Alexandre Novais, o telemóvel e as consolas “fecham os jovens dentro de quatro paredes” e fazem com que “socializem pouco”. O seu trabalho procura, de certa forma, contrariar esse processo e permitir que os escuteiros confraternizem.

A entrada das crianças e jovens no movimento divide-se por aqueles que querem ser escuteiros, mas também pelo desejo dos seus pais. Através de campanhas de sensibilização e divulgação, os agrupamentos cativam várias pessoas e assim “existe uma grande vontade dos miúdos em serem escuteiros. Temos identificado que alguns vêm dessas ações”, explica o chefe de núcleo. Todavia, os pais também consideram que “o escutismo é uma boa escola de formação, o que para nós é motivo de orgulho perceber que os pais sentem que isto pode ser uma boa ajuda na educação do filho.”

Alexandre Novais não esconde que encara o movimento como diferenciador na formação das crianças e jovens. No final do percurso normal dos escuteiros, sente que saem “mais preparados e ativos na sua comunidade, no emprego, freguesia e paróquia. São mais interventivos e colaboram.”



FNA MANTÉM ESPÍRITO DE SERVIÇO À COMUNIDADE AOS ESCUTEIROS ADULTOS

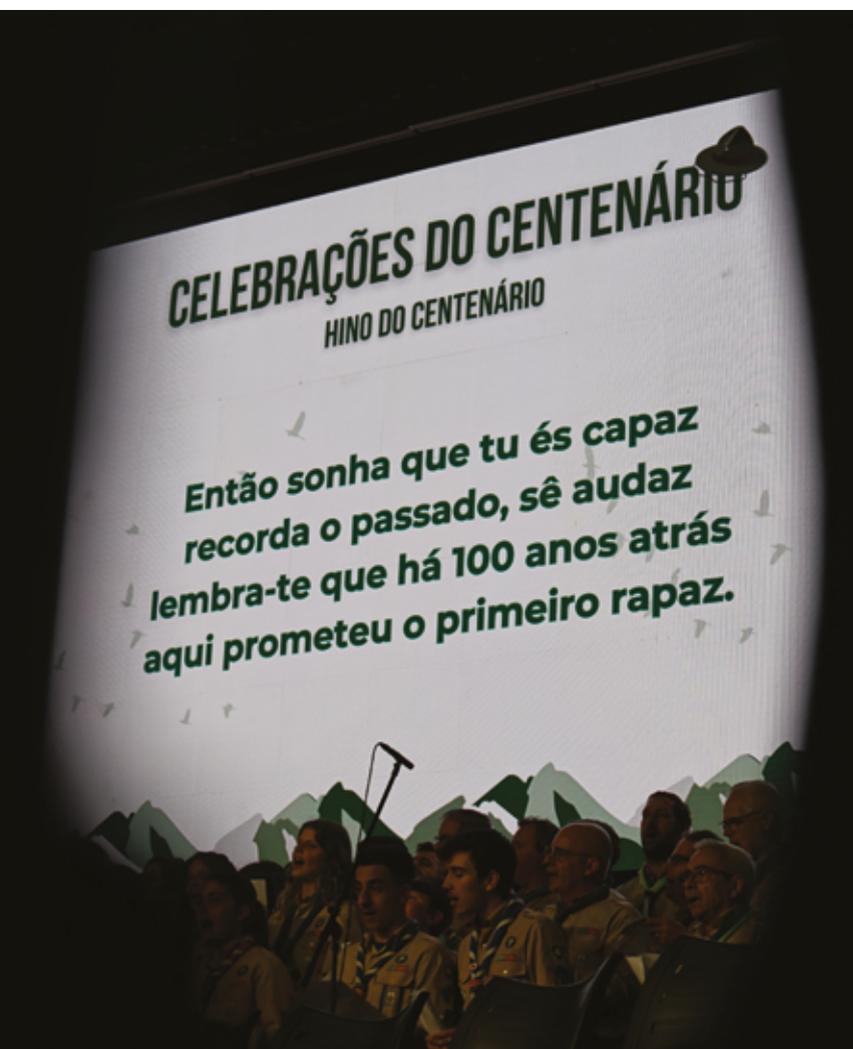
Criada em 1955, a Fraternidade de Nuno Álvares (FNA) permite a continuação dos escuteiros no movimento quando se tornam mais velhos e as razões pessoais e profissionais não permitem que se mantenham ligadas ao CNE. Natural de Guimarães, o presidente da FNA, José Luís Silva, explica que os escuteiros adultos “mantêm a vontade de viver o ideal de serviço e de partilha de valores. Querem continuar a ser úteis para as comunidades, para a igreja e querem proteger a natureza e o ambiente, tal como as crianças e jovens que entram no escutismo.”

Com cerca de dois mil associados e 140 agrupamentos no território nacional, a FNA é mais forte na região de Braga, distrito onde regista metade do efetivo. Tal como o Núcleo do CNE, o Arciprestado de Guimarães e Vizela da FNA é o maior em todo o país, tendo cerca de 400 escuteiros e 30 agrupamentos.

O PERCURSO DO ESCUTISMO EM GUIMARÃES E PORTUGAL

“Honrado” por ter a possibilidade de ser chefe aquando das comemorações do centenário, o vimaranense enaltece o trabalho dos antigos dirigentes do movimento para que o escutismo ultrapassasse momentos como as guerras, a ditadura e a pandemia da Covid-19. Alexandre Novais recorda o período menos positivo do escutismo durante o Estado Novo, em que não teve a proteção da igreja para realizar as suas atividades. À imagem de outros movimentos, o escutismo “sofreu porque havia coisas que não podíamos fazer. Nesse período, certamente os dirigentes tiveram dificuldades em colocar em prática algumas atividades que hoje se concretizam. Eram mais controlados. Portanto os primeiros 50 anos não se podem comparar aos últimos, porque o movimento teve uma evolução tremenda”.

Em Guimarães, os dados históricos indicam que o escutismo teve um grande crescimento entre 1975 e 1990, fase em que o Arciprestado de Guimarães e Vizela tinha cerca de quatro mil escuteiros. Esse aumento poderá ser explicado, naturalmente, pela revolução do 25 de abril, visto que a partir desse momento havia mais liberdade. Posteriormente, o Núcleo de Guimarães e Vizela viu o seu número de escuteiros diminuir em 2010 e ainda no período da pandemia, momento em que “os pais estavam retraídos para deixar os filhos fazerem atividades”, justifica o dirigente. Neste momento, o Arciprestado de Guimarães e Vizela está a recuperar em termos de números, como os 53 agrupamentos a reunir



2.998 elementos. Esta fase caracteriza-se também por um rejuvenescimento do escutismo vimaranense, visto que o crescimento “está a começar por baixo [lobitos]. Os números estão a aumentar muito nessa faixa etária, o que nos permite olhar para o futuro com uma perspetiva grande. Sabemos que, se trabalharmos bem, na próxima década o crescimento vai ser gradual”, acrescenta Alexandre Novais.

Apesar do escutismo ser mais pujante no distrito de Braga e na zona Norte, as restantes regiões do território nacional não carecem de escuteiros. Lisboa, Porto e Setúbal são distritos que registam um grande crescimento nos últimos anos e podem ultrapassar os números de Braga: “Isso tem a ver com a evolução do tempo, porque Lisboa e Porto são duas áreas maiores e com mais população. Esse crescimento faz parte do mundo com tendência a deslocar pessoas para as regiões urbanas. Será normal que tenham mais escuteiros nos próximos anos”, explica Alexandre Novais.

Num contexto global atual marcado pela guerra, instabilidades políticas e pobreza, o escutismo poderá “ser relevante” junto das comunidades afetadas. O chefe de núcleo dá conta que o papel do movimento “varia de país para país. Podemos encontrar situações de muita dificuldade, mas vimos, por exemplo na guerra entre Israel e Palestina, os escuteiros a ajudarem na distribuição de alimentos e na evacuação de feridos. Em Guimarães, estamos inseridos na Proteção Civil, os escuteiros estiveram presentes numa simulação mas claro, esperemos que nunca seja preciso. Não temos um papel relevante, mas pode ser relevante. A ideia do escutismo mundial pretende despertar nos jovens algo de diferenciador e que possa fazer a diferença.”

O FUTURO DO NÚCLEO DE GUIMARÃES E VIZELA TERÁ A ÁREA AMBIENTAL EM ATENÇÃO

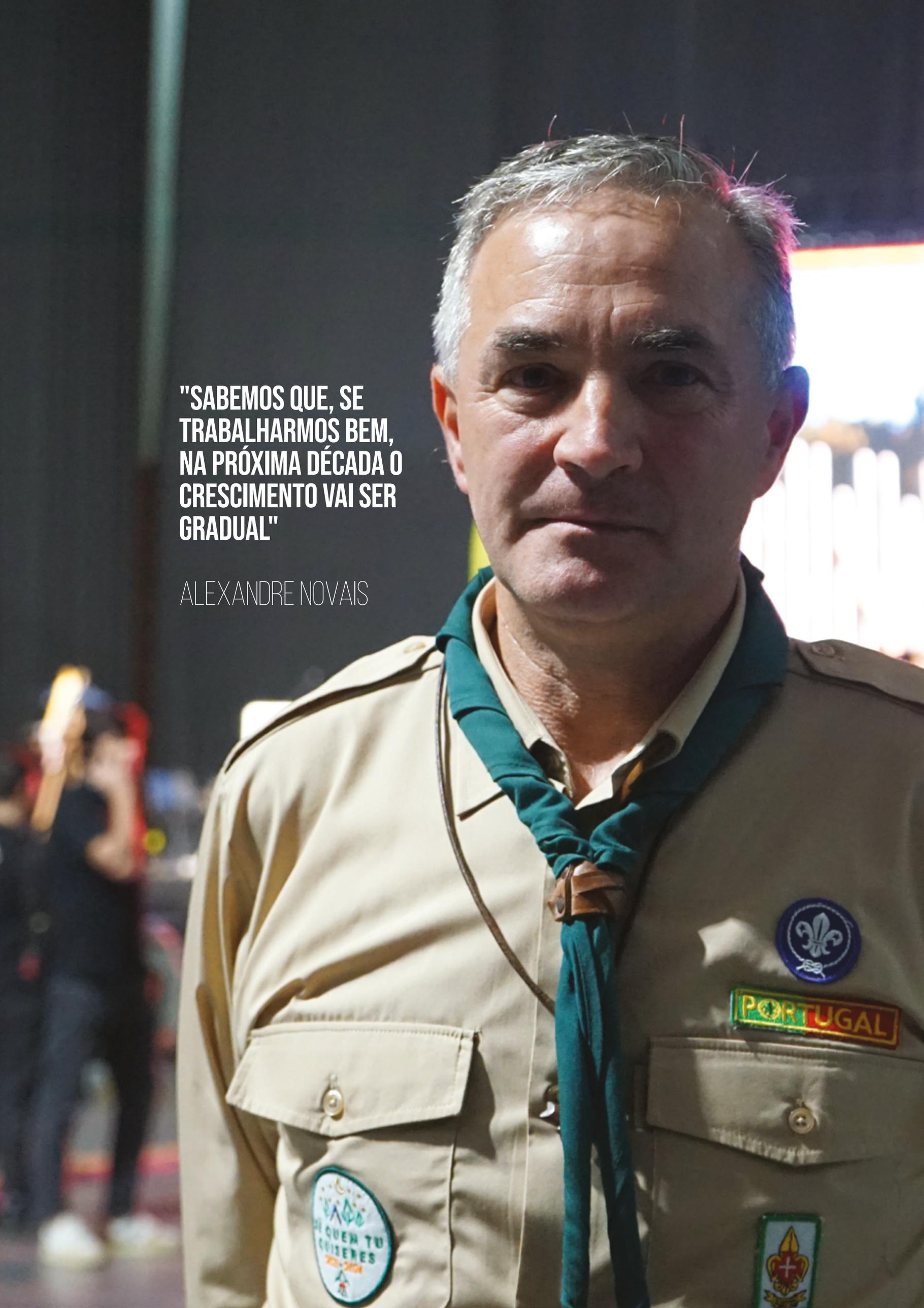
Depois de festejar os primeiros 100 anos, é altura de projetar o próximo centenário, “um grande desafio do CNE e dos nossos 53 agrupamentos. Durante estes 100 anos, o escutismo teve um papel relevante na construção de um mundo melhor e cada vez mais precisamos de educar a nossa sociedade para o menor consumismo”, expressa o dirigente máximo do Núcleo de Guimarães e Vizela.

A principal preocupação no futuro passa pela área ambiental, em que o escutismo poderá contribuir para essa vertente: “Estamos a consumir os recursos todos e estamos a dar cabo do mundo. Diria que os próximos 100 anos são fundamentais se queremos continuar a viver na Terra. E o escutismo pode continuar a educar jovens para estarem atentos a esta realidade. Temos de dizer aos miúdos como é a casa e dizer-lhes para cuidar dela. O escutismo tem futuro, mas temos de trabalhar para ele.”



**"SABEMOS QUE, SE
TRABALHARMOS BEM,
NA PRÓXIMA DÉCADA O
CRESCIMENTO VAI SER
GRADUAL"**

ALEXANDRE NOVAIS





CENTENÁRIO CELEBRADO COM “EMOÇÃO E AGRADECIMENTO”

A chuva e o mau tempo não deram tréguas mas o desfile, à imagem do que aconteceu há exatamente 100 anos, foi o ponto de partida para as comemorações do número redondo. A 18 de maio, vários membros percorreram o largo em frente ao Pavilhão Multiusos de Guimarães rumo ao seu interior, onde outras centenas de pessoas, entre familiares e amigos, os esperavam para o início da sessão.

Num momento de “emoção e agradecimento”, como expressa o chefe de núcleo, os escuteiros dos 53 agrupamentos estiveram presentes na eucaristia, em que 110 lobitos, 120 exploradores, 75 pioneiros e 56 caminheiros fizeram a sua promessa. Após a sessão solene, o vimaranense DJ Padre Guilherme encerrou as comemorações com o seu set de música eletrónica. O padre Samuel Vilas Boas, arcebispo de Guimarães e Vizela, entregou a Alexandre Novais um Ato de Louvor pela história do núcleo. As comemorações contaram com a presença de Ivo Faria, chefe

nacional do CNE, Domingos Bragança, presidente do município de Guimarães, Rui Armindo Freitas, secretário de Estado Adjunto da Presidência, Ricardo Araújo e Ricardo Costa, deputados da Assembleia da República.

Na sessão, o chefe do Núcleo mostrou o seu “orgulho” pela presença de centenas de escuteiros e ex-membros neste momento especial para a estrutura: “Sabíamos que o desafio era grande mas os nossos não nos deixam ficar mal. Ficámos felizes por todos aderirem. É um grande reconhecimento que as duas cidades têm pelos escuteiros.”

Já o presidente da Câmara Municipal de Guimarães agradeceu a todos os escuteiros e aos dirigentes pelo legado deixado e enalteceu os valores do escutismo em prol da solidariedade e respeito: “É preciso cuidar do nosso Planeta, pelo que precisamos desta cultura escutista”, sublinhou.



“1976 – A EVOLUÇÃO DOS CRAVOS”: ÓPERA REGRESSOU A GUIMARÃES COM A REVOLUÇÃO DA LIBERDADE

TEXTO E FOTOGRAFIAS: LEONARDO PEREIRA

O terceiro momento da tetralogia de canto lírico de Guimarães foi construída com base na revolução do 25 de abril de 1974, momento em que foi “preciso fazer uma evolução” de Portugal explica Risoleta Pinto Pedro, autora do livreto da obra. Após “Mau Tempo em Portugal” e “A Conspiração da Igualdade”, o Centro Cultural Vila Flor acolheu mais um episódio transformador da história portuguesa.

Através de uma encenação “livre e psicadélica”, a peça artística aborda um par de amigos que se transforma num romance. A jovem, filha de um latifundiário alentejano, viaja para Lisboa para ingressar no ensino superior. E o seu namorado também passa a viver em Lisboa com os estudos pagos pelo pai da sua namorada, para que a vigie durante o seu curso, sendo seu informador. Numa relação entre os dois “com grande dimensão psicológica”, o namorado “quer proteger a sua amada, apesar das forças impostas pela PIDE”, contou Risoleta Pinto Pedro.

Francisco Teixeira, presidente da Associação Artística Vimaranense (ASMAV), explicou na sessão de apresentação da peça que o objetivo do Festival de Canto Lírico de Guimarães passa por “ter, de forma regular, uma operação operática que habituasse as pessoas para os espetáculos, e quem sabe se conseguíssemos envolver os vimaranenses. Esta é uma tentativa de introduzir um hábito na programação cultural que não costumámos ter.”

O vereador da cultura na Câmara Municipal de Guimarães, Paulo Lopes Silva, segue a mesma linha de pensamento e recordou os “registos de espetáculos de ópera na cidade berço há muitos anos”. O tribuno destacou que “o projeto organizado pela ASMAV [em conjunto com a Associação Setúbal Voz] permite que a ópera volte ao calendário cultural da cidade.” O vereador ainda



enalteceu a apresentação do espetáculo “1976 – A Evolução dos Cravos” num “ano especial em que se comemoram 50 anos do 25 de abril”.

O Festival de Canto Lírico de Guimarães regressa à cidade berço para o último momento a 14 de dezembro. A última peça denomina-se “2030 – A Nova Ordem” e retrata a “quarta possível constituição portuguesa, passada em 2030, com a subida da extrema direita ao poder depois de alguns escândalos nas democracias de um país imaginário”, explica José Salgueiro, diretor artístico do projeto.



PUB

ARCOL
Cash & Carry

puríssimo
a marca do
consumidor exigente

GUIMARÃES
SANTA MARIA DA FEIRA
LISBOA
FARO

www.arcol.pt

CIDADE

TEXTO: CARLA ALVES

© DIREITOS RESERVADOS



CLARÃO NOS CÉUS DE GUIMARÃES

No dia 18 de maio, um clarão iluminou vários distritos de Portugal e Guimarães não foi exceção. O fenómeno, que durou apenas alguns segundos, foi registado e partilhado nas redes sociais por dezenas de pessoas. O clarão foi provocado por um meteorito cujos cientistas classificam de “bólide”. De acordo com o Instituto de Astrofísica de Andaluzia, o fragmento rochoso desprendeuse de um cometa, a mais de 160 mil quilómetros por hora. No total, terá percorrido 500 quilómetros e terá caído, já desintegrado, no mar, a cerca de 54 quilómetros de altura, sobre o Atlântico.

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DAS TAIPAS CELEBRARAM 137 ANOS

A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários das Caldas das Taipas comemorou o seu 137.º aniversário no dia 01 de maio. A cerimónia começou com o tradicional hastear da bandeira no quartel taipense, local onde os membros da corporação foram também condecorados com a colocação das respetivas medalhas. Na celebração, foram ainda apresentados os dois novos veículos da associação, uma ambulância de emergência e um veículo Vale O2. Os dois automóveis receberam a bênção pelo padre José Agostinho.



© LEONARDO PEREIRA

“CÁPSULA DO TEMPO” SELADA AGORA PARA SER ABERTA EM 2049

O Curtir Ciência, em parceria com a Sociedade Martins Sarmento (SMS), procede, no dia 25 de maio, à selagem de uma “cápsula do tempo” que será aberta em 2049, no mesmo dia.

A cápsula, a depositar no jardim da SMS, guardará objetos e testemunhos selecionados e escritos por várias personalidades e entidades, ligadas à cultura, educação e ciência, como o presidente da Câmara Municipal de Guimarães, o reitor da UMinho, os presidentes das Escolas de Engenharia e de Ciências da UMinho, a direção da SMS, da Biblioteca Municipal Raul Brandão, assim como a direção do Curtir Ciência e responsáveis dos vários Clubes Ciência Viva na Escola parceiros dos CCVG.

© CCVG



PUB



VILLA
CENTRO COMERCIAL VILLA

É BOM COMPRAR
NO CENTRO DA CIDADE!

Av. D. João IV, Guimarães



SOALHEIRO: A DEFESA DO ALVARINHO COM BASE NA SUSTENTABILIDADE

Foi em Melgaço, em 1974, que nasceu este projeto de família. Uma garagem que rapidamente se tornou adega e de lá saíram as primeiras garrafas de vinho. Aquilo que começou como uma pequena vinha de família, é agora uma família de várias famílias: a equipa Soalheiro. Movidos por uma paixão pela vinha e pelos vinhos, uniram-se na defesa e no respeito pelo Território e decidiram "pôr mãos à obra (ou às uvas)".

Naquela altura, as videiras eram plantadas nas bordaduras dos campos, com os cereais a ocuparem lugar central nas parcelas. João António Cerdeira e os seus pais, decidiram quebrar essa tradição e plantaram a primeira parcela de vinha contínua da casta Alvarinho em Melgaço. Hoje, na terceira geração são os irmãos Maria João e António Luís, juntamente com a sua mãe, Maria Palmira Cerdeira, que dão vida ao projeto familiar.

António Luís é formado em Enologia e construiu um profundo conhecimento da casta Alvarinho ao longo da vida. Já, Maria João, veterinária de profissão, decidiu assumir a responsabilidade pela viticultura e introduziu com sucesso o modo de produção biológico nas vinhas da família.

A ORIGEM DO NOME E A DEFESA DO TERRITÓRIO

A excelente exposição solar da primeira vinha plantada dá vida ao nome: Soalheiro. A boa exposição solar é uma característica do território, devido aos fatores naturais presentes em Monção e Melgaço. A região, conhecida por ser protegida da influência atlântica por várias montanhas, proporciona as condições ideais para o crescimento da casta Alvarinho. Entre dias quentes e noites frias durante a maturação e sol e chuva na medida perfeita, criam a harmonia ideal para a proteção dos aromas varietais e a preservação da frescura.

Em 2006, foram pioneiros da agricultura biológica. Até hoje, estas práticas vitivinícolas promovem a sustentabilidade ambiental e apoiam a biodiversidade nos ecossistemas vitícolas. Em 2021, deram mais um grande passo, partindo do conhecimento e experiência acumulados ao longo destes anos em agricultura biológica para fazer a transição para a agricultura biodinâmica.

Criaram o "Clube dos Produtores", onde uniram todos os seus viticultores tendo sempre por base o foco na qualidade. Todos eles conferem um atributo especial e inimitável de diversidade.

A SUSTENTABILIDADE SOCIAL E ECONÓMICA DA REGIÃO

O objetivo sempre foi fomentar cada vez mais melhores práticas vitícolas mantendo o mesmo foco: obter as melhores uvas, e, por consequência, o melhor Alvarinho. Dessa forma, os vinhos Soalheiro provêm de clones variados da casta Alvarinho que melhoram a diversidade de aromas e sabores. O segredo é a união de diversas formas de produção da uva Alvarinho, em diferentes solos e micro terroirs por diferentes pessoas que, por sua vez, ampliam o conhecimento e o potencial desta casta.

Nesse sentido, decidiram criar o Clube dos Produtores baseado na sustentabilidade social e económica da região. Com esta estratégia, o objetivo é garantir que as famílias da região transmitam a cultura, as tradições às gerações seguintes, mantendo um forte vínculo com as suas terras. Para além disso, é uma forma de acompanhar práticas de viticultura sustentável de todas as famílias que são suas parceiras, sendo esta cooperação fundamental para atingir requisitos de qualidade.

Sempre com foco na revitalização sustentável do meio rural envolvente, tendo por base o respeito pelo Território, decidem investir, cada vez mais, no Enoturismo e, mais recentemente, na produção de infusões biológicas.



O INVESTIMENTO NO ENOTURISMO DESDE O PRIMEIRO DIA

É com base na crença de que o Enoturismo é uma das melhores formas de conhecimento do Território, que não lhe conhecem uma data inicial. Dizem que o acolhimento das pessoas na antiga adega da casa de família sempre fez parte do projeto. No entanto, com o volume de negócio e a notoriedade a crescer, tiveram de aumentar a oferta. Foi aí que construíram uma sala de provas com vista panorâmica sobre o Vale do Rio Minho, desenvolveram parcerias com produtores locais, criaram experiências gastronómicas especiais e até abriram uma casa onde se pode dormir no meio das infusões.

A CERTIFICAÇÃO DO MERCADO DA VINIFICAÇÃO E OS PRÉMIOS CONQUISTADOS

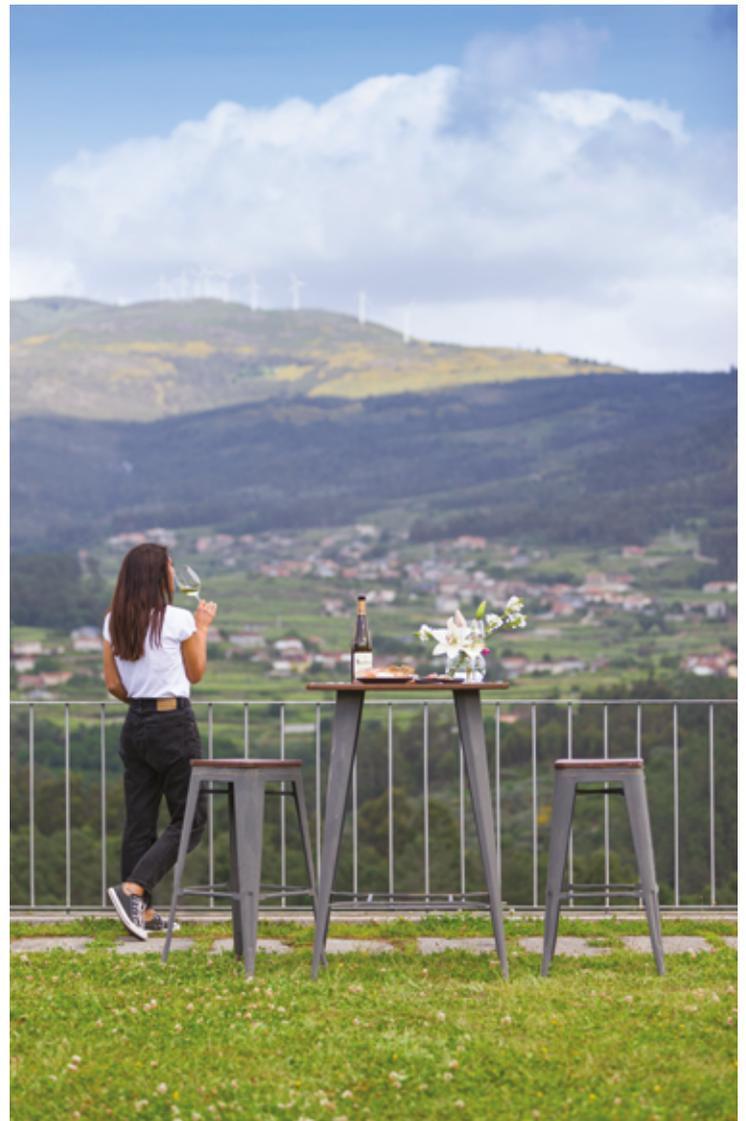
Os prémios, nacionais e internacionais, marcaram o percurso desta que é primeira marca de Alvarinho em Melgaço. O reconhecimento chega um pouco de todo o mundo: Japão, Alemanha, Noruega, Estados Unidos, Inglaterra pela imprensa especializada, por jornalistas de vinho de imprensa generalista, Sommeliers, Chefs e compradores. O reconhecimento português também não falta, contando com vários prémios de distinção da marca.



UMA GARRAFEIRA EXCECIONAL

Na Garrafeira do E.Leclerc, em Lordelo, para além de uma enorme variedade de vinhos das diferentes regiões vinícolas portuguesas, há também licores, aguardentes e cognac, bebidas Espirituosas, whisky, espumantes e champanhe, extraordinários vinhos do Porto e moscatel.

Convidamo-lo a visitá-la e a surpreender-se, em Lordelo, Guimarães.



“UN DISCURSO DEL CHOCOLAT”

VENDIDO EM LEILÃO POR 44 MIL EUROS

TEXTO: ELISEU SAMPAIO • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

“Un discurso del chocolat”, livro com 400 anos de idade, considerado o livro mais antigo dedicado exclusivamente ao chocolate, foi a leilão.

Descoberto por Francisco Brito em Lisboa, foi vendido por 44 mil euros. O vimaranense diz que, “provavelmente, é um valor recorde para folhetos vendidos em leilão em Portugal. Já houveram livros que atingiram valores superiores, mas folhetos como este [com apenas 32 páginas], por este valor, deverá ser caso único, pelo menos nos últimos 30 anos”.

Francisco deslocou-se a Lisboa como consultor da sua livraria, a Cólófon. A família em causa possuía livros do século XV, XVI, e até uma bíblia proibida, e entre um conjunto de folhetos encontrou este que lhe chamou a atenção. Escrito pelo médico espanhol Santiago de Valverde Turiz, em baixo, em linhas pequeninas possuía a inscrição “Discurso del chocolate”. Francisco Brito percebeu de imediato que poderiam estar perante um livro raro e valioso.

O vimaranense haveria de concluir tratar-se mesmo do primeiro livro que falava exclusivamente sobre chocolate. “Já havia outros no século XVI antes mencionavam justamente com outros produtos que vinham de um novo mundo, digamos assim, mas este é mesmo o primeiro dedicado exclusivamente ao chocolate”.

Impresso em Sevilha, em 1624, este valioso livro é uma das três únicas cópias sobreviventes desta obra, uma está guardada na Biblioteca Nacional de Madrid, e a outra na Universidade de San Diego, na Califórnia.

“Un discurso del chocolat” apresenta o chocolate como medicamento, “até diz como se deve tomar e tem várias receitas com amêndoa, açúcar e outros produtos. Fala até sobre o efeito do chocolate nas pessoas que não tinham doença. Era uma espécie de medicamento sem receita médica, com vários benefícios e efeitos no corpo humano”, conta à Mais Guimarães.

Dividido em cinco partes, o livro apresenta uma mistura de investigação científica, conselhos práticos, comentários culinários e culturais.

Quando conversamos com Francisco Brito, a expectativa era que o livro pudesse ser vendido entre os dois e os quatro mil euros. No entanto, poderia “explodir porque é uma coisa apetecível, é raro e vai para o mercado dos colecionadores de livros, da gastronomia e das empresas que vendem chocolate. Acaba por transcender muito a parte do colecionismo, e depende de quanto a pessoa esteja disposto a pagar. As estimativas são com base no mercado português, que é recente, mas agora viralizou não se sabe o que pode acontecer”, referiu. Foi arrematado por 44 mil euros.





FRANCISCO BRITO E A PAIXÃO PELOS LIVROS RAROS

TEXTO E FOTOGRAFIAS: ELISEU SAMPAIO

Francisco Brito sempre se interessou por livros, cresceu no meio dos livros. Na família, o pai e avós maternos têm grandes bibliotecas enquanto o tio Luís e o bisavô possuíram até livrarias. Ganhou o bichinho desde cedo. “O livro antigo em si foi uma curiosidade que eu fui despertando através do contacto com outras pessoas”. Em 2012 começou a pensar e a planear abrir um negócio próprio na área. Em 2013 funda mesmo a livraria, a Cólófon, na rua de Santo António, na cidade-berço.

O vimaranense ocupa-se agora dos livros a tempo inteiro. Procura livros interessantes e raros, mas também vende livros a cinco euros e a um euro, quando tem de ser. Porque, conta, muitas vezes é necessário comprar bibliotecas inteiras. “Para comprar 10 livros raros ou antigos tenho de comprar o resto, que são 200 ou 300 livros que não têm valor comercial nenhum”.

Numa era das novas tecnologias e da digitalização, Francisco Brito considera ser “pouco provável que o livro desapareça. Há um livro muito interessante que saiu há pouco tempo de Irene Vallejo, o Infinito num Junco, que está a bater recordes de vendas. Nele, a autora diz que é mais provável daqui a 500 anos vermos num jardim uma freira a ler um livro do que um jovem agarrado a um dispositivo digital”.

O livro enquanto formato físico já existe há milhares de anos, as

tecnologias tendem a transformar-se até de uma forma mais radical do que o próprio livro. Poderá haver uma mudança significativa no digital, já o livro irá manter-se, reafirma.

SÓ DEVEMOS ESCREVER UM LIVRO SE TIVERMOS ALGUMA COISA PARA DIZER DE MUITO IMPORTANTE, O TEMPO ENCARREGA-SE POR SELECIONAR QAIS SÃO AS EXPERIÊNCIAS QUE, DE FACTO, VÃO FICAR, DO PONTO DE VISTA LITERÁRIO OU MESMO ACADÉMICO.

Francisco Brito gosta de livros diferentes mas sobretudo de poesia. “Há livros que gosto que têm partes fabulosas como é o caso do Dom Quixote. É um livro incrível, quase fundador de várias coisas da contemporaneidade da literatura”, refere à Mais Guimarães.

Confessa, no entanto, ser agora cada vez mais difícil ler livros do princípio ao fim. “Leio bocados de livros todos os dias para fazer a ficha dos catálogos, deixei de ler muitos de início ao fim o que é uma coisa péssima”, lamenta.

OBRAS PROIBIDAS E CENSURADAS PELO SALAZARISMO

TEXTO E FOTOGRAFIAS: ELISEU SAMPAIO

Uma das estratégias adotadas pelo Estado Novo, a censura, permitia ao regime salazarista perpetuar-se no poder. Se, na imprensa, o lápis azul percorria as folhas diariamente, evitando notícias incómodas, nos livros essa censura era posterior, com a apreensão dos livros e processos, como conta Francisco Brito, proprietário da Cólofon.

“Se soubéssemos que estamos a viver uma exceção na história, talvez valorizássemos mais a liberdade que temos hoje, independentemente das condicionantes que há”. É desta forma que Francisco Brito termina uma longa conversa sobre o papel do livro na história dos povos, dos portugueses em particular.

Hoje temos o 25 de abril e temos livros relacionados com este processo da transformação na sociedade portuguesa para uma sociedade mais livre. O livro teve um papel importante neste processo?

Teve, até porque o livro não era alvo de censura prévia, esta era feita posteriormente. Mas havia todo um ambiente de censura, quando alguém estava a escrever um livro já pensava que aquilo certamente ia ser censurado. Ferreira De Castro disse isto numa altura: “nós estávamos a escrever e pensávamos, se calhar é publicado e vão à gráfica, prendem os livros e destroem-nos”.

Por outro lado, os livros proibidos sempre circularam. No período do Estado Novo, eles faziam uma censura muito feroz à imprensa, aos jornais e às revistas, eram muito duros, era horrível. Por exemplo, Mariano Felgueiras, que foi presidente da Câmara de Guimarães, esteve anos a tentar publicar um artigo sobre os Paços do Concelho, sobre a sua renovação. Ele era a favor que se acabasse aquilo e era sistematicamente censurado. E ele era republicano, embora aqui se dissesse que era comunista, o que era mentira, era o suficiente para ele não poder publicar nada. Era uma coisa incrível, uma coisa terrível.

Durante o Festival literário Humus, que celebrou os 50 anos do 25 de abril, falou-se sobre os livros censurados, há algum que, em particular, que gostasse de destacar?

É muito importante um livro chamado “Novas Cartas Portuguesas” foi escrito por mulheres que se inspiraram curiosamente num título do século XVII. É um livro que acaba por ser censurado e teve um impacto especial. Três mulheres que falavam sobre o lugar da mulher, a sexualidade feminina e depois a liberdade em geral. Acaba por ser uma bomba que caiu na altura, foi um escândalo, demasiado forte, e não só o livro foi censurado como a seguir foi aberto um processo. Felizmente para elas depois acabou, com a chegada do 25 de abril o processo caiu.

E 50 anos depois, ainda há alguma censura?

Há formas de censura, sempre existirão enquanto existirem Homens. Haverá sempre uns a tentarem condicionar o que outros dizem, mas não se pode comparar, de maneira nenhuma, o que havia antes do 25 de abril de 1974 e o que há agora.

As redes sociais vieram tranformar um bocado isto?

Acho que deram uma liberdade de opinião a toda a gente só que sem limites e consequências. O que acontece nas redes sociais é que há pessoas que dizem coisas que não diriam no café em voz alta, mas atrás do teclado têm uma coragem estranha para dizer. Há esse lado e também o do aumento da desinformação, que é preocupante.

Temos um outro problema, mas este macro, que é as próprias redes sociais fazerem a gestão de conteúdos limitando as pessoas e a liberdade das pessoas. Vejamos o exemplo da guerra entre a Rússia e a Ucrânia, em que na Rússia deixaram de ter conteúdos do Ocidente, e no Ocidente deixamos de ter conteúdos da Rússia.

Isto é censura?

É censura. E se acho que era expectável na Rússia, no Ocidente deveríamos mostrar que somos diferentes, porque apesar de tudo aqui há uma liberdade de expressão que lá não há, nem de perto nem de longe.

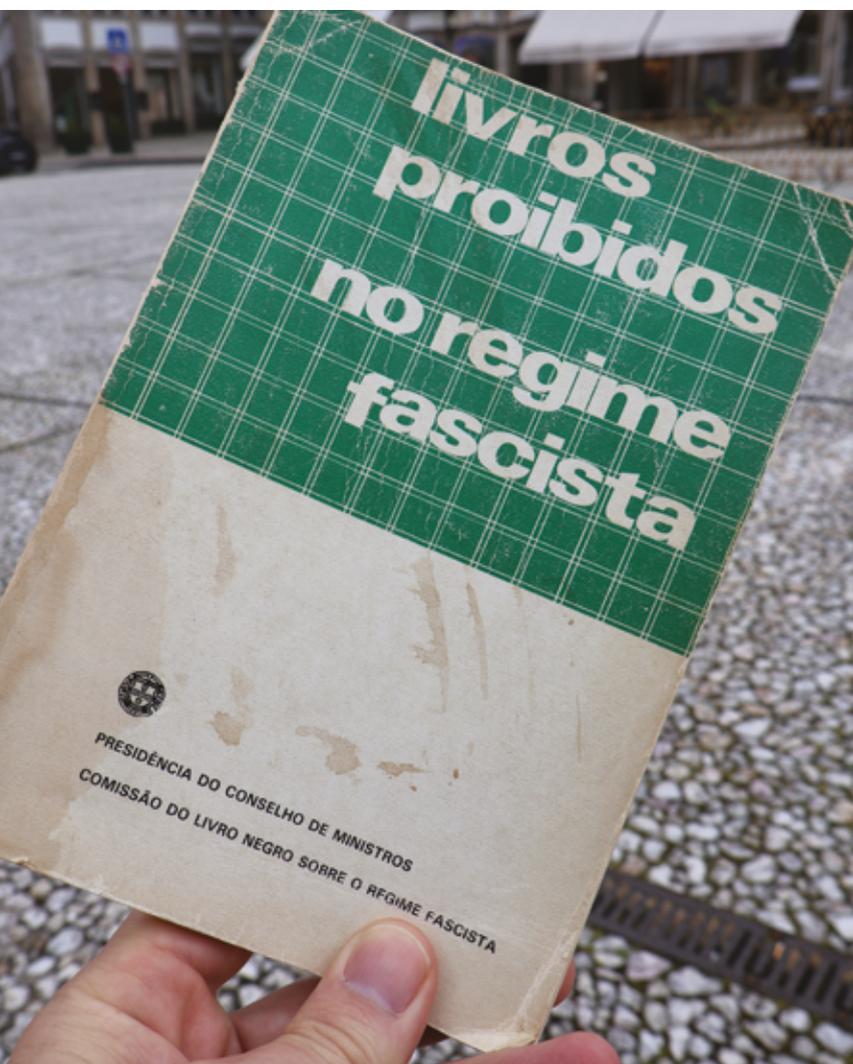
Há uma tradição no Ocidente, e penso que nos outros lugares do mundo também, em que a censura é aceiteada. Por exemplo, na Primeira República não havia censura prévia mas, em 1916, os jornais eram censurados e apareciam com uma coluna em branco. Se alguém escrevesse um artigo não aceitável o espaço aparecia em branco. Agora, estando no século XXI com redes sociais, twitters, telegrams, e acesso à informação, acho que não faz sentido nenhum e acima de tudo é um mau sinal da parte de Europa.

As plataformas, de certa forma, podem induzir as pessoas e alterar-lhes a opinião, mediante os conteúdos que lhes apresentam.

Sim, isso é verdade. Com esta questão dos algoritmos as pessoas estão a ser levadas a ver cada vez mais o mesmo, acabando por ficar numa bolha. Julgam que estão na internet, com o mundo à volta, mas estão a navegar numa bolha e isso é um coisa muito negativa. Mas também no passado, diga-se, havia pessoas que liam os jornais com uma orientação política definida. Ainda antes do Estado Novo as pessoas tendiam a ler jornais do seu partido, com o alinhamento com que se identificavam.

É mais ao menos o que está a acontecer agora?

É, só que a uma escala muito mais forte e mais grave, porque eu acho que condiciona mais o pensamento, e de mais gente.





Como é que vê o futuro da imprensa e do livro?

Acho que o livro vai continuar a existir. O livro é uma invenção fabulosa, o próprio formato do livro é vulgar, é como a roda, foi inventada há milhares de anos e nós ainda a usamos. Está um bocadinho no mesmo patamar, duvido que desapareça, não creio que o futuro do livro esteja em risco.

As livrarias, hoje em dia, tendem a afunilar muito na oferta, também por critérios comerciais, isto é, nós vamos a diversas livrarias e encontramos sempre as mesmas coisas. Neste aspeto, as livrarias independentes têm um papel fundamental porque oferecem-nos coisas que as outras livrarias de grande implementação nacional, que também são muito boas e importantes, não dispõem.

De certa forma acaba por limitar a liberdade de escrita de muitos potenciais escritores..

Escrita não diria, mas divulgação da escrita. Há uma tendência para vender certos produtos em detrimento de outros e, no caso da escrita, que é uma coisa tão importante que pode abrir tanto os horizontes, há esse fenómeno, o de afunilar as coisas, que pode ser um fenómeno perigoso.

Sobre a imprensa não arrisco dizer muita coisa, é uma área que eu não domino, mas acho que tem um papel primordial na mediação e na verificação de informação. Acho que esse papel tem de se manter, e acho que é necessário até ser mais valorizado.

Há pouco dizia que a censura desde sempre existiu...

Nós vivemos um tempo de exceção. Desde que há o livro impresso, desde que o Gutenberg imprimiu a Bíblia, 20 ou 30 anos depois, começou a haver censura e a direita começou a tentar limitar a circulação dos livros porque entendia que ofendia os dogmas da igreja.

No caso de Portugal, nós tivemos sempre censura até 1820. Com a Constituição de 1922 e a Carta Constitucional de 1926 acaba a censura prévia. Isto é, podia haver a apreensão de livros e dos jornais mas nos jornais dizia-se coisas que hoje em dia não se podem dizer.

Nos jornais da Monarquia Constitucional escreviam-se coisas inacreditáveis, não sei se depois davam processos ou não, mas era demais, a escrita era completamente diferente, era totalmente livre, as pessoas podiam dizer o que quisessem nos jornais. Aliás, Portugal era considerado um dos países da Europa com maior liberdade de expressão, e os livros também se publicavam nessa altura, e com o mesmo registo agressivo.

Agora estamos na fase do politicamente correto, o politicamente correto às vezes é uma questão de bom senso e boa educação.

As pessoas confundem um bocadinho isso, porque eu não posso acusar alguém sem provas concretas do que estou a dizer, senão tenho que responder por isso.

Eu acho que hoje em dia tem-se mais atenção a isso e ainda assim há acusações genéricas. Depois a política também permite que se façam acusações doutro carácter, são de carácter político e não das ideias ou das pessoas.

Há uma história engraçada que eu contei na biblioteca sobre o período da Monarquia Constitucional. O Bernardino Machado, que foi presidente da República, diz que D. Carlos é um déspota, insulta o rei num jornal e as autoridades apreendem o jornal. O jornal defende-se dizendo que a liberdade de expressão está em causa, porque é uma crítica a uma figura pública e pode ser feita nos jornais. Vão para tribunal, o tribunal de primeira instância dá razão ao jornal, o Tribunal da Relação dá razão ao jornal e este é indemnizado por ter sido censurado. O que não pode acontecer, e acontece muitas vezes, é uma pessoa com grande perfil mediático acusar uma pessoa com menor perfil, que não tem espaço para se defender.

Isto para dizer que o período que estamos a viver hoje em dia é um período de exceção, um período excepcional por termos toda esta liberdade. E eu espero que continue a ser um período de exceção, que estas conquistas se prolonguem para sempre, acho que é fundamental, e para isso o livro e os jornais têm papéis fundamentais.

Se soubéssemos que estamos a viver uma exceção, na história, talvez valorizássemos mais a liberdade que temos hoje, independentemente das condicionantes que há.





MAISGUIMARAES
COMUNICAÇÃO SOCIAL

OBRIGADO PELA CONFIANÇA!

**LÍDERES
NO INSTAGRAM**

ENTRE A COMUNICAÇÃO SOCIAL LOCAL

80.000

SEGUIDORES NO FACEBOOK



WWW.MAISGUIMARAES.PT





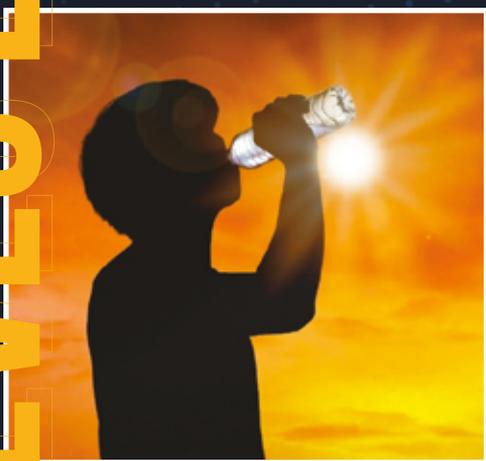
SUIÇA GANHA FESTIVAL DA EUROVISÃO DA CANÇÃO 2024

A 68ª edição do Festival da Eurovisão da Canção aconteceu no dia 11 de maio e decorreu em Malmo, na Suécia. A Suíça foi o grande vencedor com o tema "The Code" de Nemo, sendo esta a terceira vitória do país na competição. Portugal ficou em 10º lugar, com a canção "Grito" interpretada por Iolanda que conquistou 139 pontos do júri. Para lá da música, houve várias polémicas que marcaram a edição deste ano, como a participação de Israel na competição. Durante aquele dia, foram várias as pessoas que se reuniram em protesto contra a participação de Israel na competição, devido à agressão israelita na Faixa de Gaza.



AURORAS BOREAIS PINTAM O CÉU EM VÁRIOS PAÍSES DO MUNDO

Vários países do Mundo tiveram a oportunidade de ver um espetáculo protagonizado pelas auroras boreais que abrilhantaram o céu em tons de laranja, azul ou rosa. O fenómeno aconteceu durante três noites e foi causado por uma tempestade solar histórica. Áustria, Califórnia, Rússia, Nova Zelândia foram alguns dos países privilegiados a assistir ao acontecimento. Em Portugal, o acontecimento foi observado em várias cidades como Viseu, Coimbra, Guarda ou Portalegre. Os registos fotográficos rapidamente se difundiram nas redes sociais. O fenómeno das auroras boreais ainda não acabou e pode continuar com menos intensidade, mas concentrando-se agora em direção ao polo Norte.



ONDAS DE CALOR É CADA VEZ MAIS CAUSA DE MORTE EM PORTUGAL

Portugal faz parte de uma lista de 20 países mais afetados pela mortalidade devido ao excesso de calor dos últimos 30 anos. Uma equipa internacional de cientistas realizou um mapa global onde mostra que, entre 1990 e 2019, houve um excesso de 153 mil mortes em cada estação quente, resultantes das ondas de calor, que se tornaram cada vez mais frequentes. O continente asiático é aquele onde há mais mortes, mas a Europa é o continente mais afetado. Apesar disso, Portugal não está entre os países mais afetados, ao contrário da Grécia, Malta e Itália que lideram a lista.

FUTEBOL À LUPA

SERÁ VIÁVEL UM SALARY CAP NO FUTEBOL?

TEXTO: VASCO ANDRÉ RODRIGUES • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS



A ideia do “salary cap”, ou tecto salarial, prende-se com um acordo ou regra que coloca um limite no montante de dinheiro que uma equipa pode gastar nos salários dos jogadores. Existe como um limite por jogador ou um limite total para o plantel da equipa, ou ambos. Assim, várias ligas desportivas implementaram limites salariais (sobretudo as ligas fechadas), utilizando-os para manter os custos globais baixos e também para manter um equilíbrio competitivo, impedindo os clubes mais ricos de consolidarem o seu domínio contratando muitos mais jogadores de topo do que os seus rivais.

UMA INOVAÇÃO PROVENIENTE DA LIGA ESPANHOLA

Na temporada de 2019/20, a Liga espanhola resolveu inovar. Assim, introduziu para as vinte equipas que competem no principal escalão do futebol do país e para as vinte e duas do segundo escalão um limite de custos que deverão prender-se com as despesas mantidas pela estrutura do futebol profissional. Trata-se de uma espécie de fair-play financeiro que prevê um tecto máximo de gastos com jogadores, mas também com o treinador, o seu adjunto e o preparador físico da equipa. Nestas despesas deverão entrar os gastos com as equipas jovens e outras secções do clube.

Assim, a ideia de "salary cap" em Espanha prende-se com os "limites de custos da equipa", devendo estes serem apresentados e justificados pelo clube em questão para, posteriormente, serem aprovados por uma autoridade competente para isso, que poderá, também, rectificar os valores de modo a garantir a estabilidade financeira do proponente.

Como fica evidente no regulamento da Liga, o “limite de custo da equipa inclui diferentes variáveis:

Salário, remuneração fixa ou variável; Retribuições pela transferência dos direitos de imagens coletivos ou individuais; Amortizações de custos de aquisição de jogadores; Custos da Segurança Social; Pagamentos a cargo do clube; Custo pela remuneração (ou outro tipo) de jogadores emprestados a outros emblemas, mas cuja retribuição é paga pelo clube detentor dos seus direitos económicos.”

Cada clube poderá aumentar o limite máximo dos seus próprios custos com um aumento de capital (apenas no caso das sociedades



desportivas). Deste aumento, apenas 80%, 65% ou 50% poderão ser destinados a transferências, dependendo da situação financeira da equipa, e os salários não poderão ser acrescidos em mais de 25%.

No mercado de Inverno do Janeiro de 2024, a Liga estabeleceu os últimos limites oficiais para o custo das equipas inscritas na principal Liga espanhola. A título de exemplo, apresentamos os cinco maiores tectos salariais no país vizinho:

Real Madrid – 727.451 milhões de euros;
Atlético de Madrid – 303.408 milhões;
Barcelona – 204.161 milhões;
Sevilha – 152.286 milhões;
Real Sociedad – 144.941 milhões.

A PREMIER LEAGUE PROCURA ADOTAR UM MODELO SIMILAR...

Falemos, agora, da Premier League. Os clubes que a compõem encontram-se a discutir a possibilidade de decretarem uma espécie de tecto salarial antes do início da época de 2025/26.

Segundo o jornal The Athletic está a ser estudado um sistema baseado na chamada “ancoragem”. O tecto salarial pretende limitar o montante de dinheiro que qualquer clube poderá investir nas suas equipas e estará ligado a um múltiplo do que o último clube da Premier League recebe de direitos televisivos e comerciais cobrados a título centralizado pela principal liga de futebol do país.

Deste modo, início de Abril, os 20 clubes da Premier League aprovaram uma proposta para prosseguir as conversações com vista a encontrar uma solução para o assunto, com o objectivo de finalizar as novas regras na assembleia geral anual de Junho.

Trata-se de uma questão que tem estado em cima da mesa dos clubes desde o ano passado. Desde o início, o valor-âncora identificado pelos proponentes foi de 4,5 vezes. Mas este limite foi considerado demasiado baixo pelos clubes cujas despesas já estavam no limite deste valor e que temiam que tal auto-limitação fizesse com que a Premier perdesse lentamente a sua posição de liga de topo na





Europa e no Mundo. Agora parece que a Premier quer fixar este parâmetro muito mais próximo de 5.

No entanto, o Chelsea, o Manchester City e o Manchester United já manifestaram a sua preocupação relativamente a esta ideia, referindo que poderia ser uma violação da lei da concorrência do Reino Unido. Se a âncora estivesse em vigor na época passada, o limite teria sido de 518 milhões de libras (à taxa de câmbio atual, mais de 600 milhões de euros), cinco vezes os 121 milhões de euros que o Southampton, que terminou em último lugar na Premier League de 2022/23.

Para dar um exemplo, o Chelsea gastou mais do que isso em salários, amortizações relacionadas com os custos incorridos com os salários do clube e comissões a agentes. O Manchester City ficaria então com uma margem de manobra muito limitada, que só seria libertada através de algumas alienações.

Mas se alguns grandes nomes se opõem, esta medida é muito apreciada pelos pequenos e médios clubes, que a vêem como uma oportunidade de reduzir a diferença em relação aos clubes que poderão contar, no futuro, com os importantes recursos económicos da nova Liga dos Campeões e do Campeonato do Mundo de Clubes com 32 equipas. Se esta proposta for rejeitada, estes clubes receiam que o equilíbrio competitivo da Primeira Liga, já ameaçado pelo poder económico dos proprietários mais recentes de clubes, possa definitivamente deixar de existir.

A OPOSIÇÃO DA UEFA

Porém, tal hipótese de controlo financeiro poderá encontrar, também, um forte oponente nas instâncias mais altas do futebol europeu. Com efeito, a própria UEFA, na pessoa do seu presidente, Alexandre Ceferin, recentemente, veio desvalorizar esta possibilidade no seio do futebol disputado no Velho Continente. Segundo este, a possibilidade de ser introduzido um tecto salarial a nível europeu poderia encorajar os jogadores a mudarem-se para outros locais, tendo assim um efeito adverso na qualidade do futebol em todo o continente, em contraponto com outras paragens como a Arábia Saudita ou Estados Unidos.

E EM PORTUGAL?

Quanto a Portugal, essa possibilidade ainda não foi aventada, pelo menos no futebol masculino.

Porém, na campeonato feminino, em 2020, fruto da pandemia, a FPF resolveu instituir um limite salarial de 550 mil euros para a massa salarial das jogadoras inscritas nessa temporada, atendendo "às circunstâncias excepcionais decorrentes da pandemia covid-19 e à necessidade de garantir o equilíbrio dos clubes e a estabilidade da competição".

NO VITÓRIA...

Atento ao aludido, óbvio será que em Portugal esta medida, ainda, não é aplicada.

Mas, também, será claro que os próprios clubes, para terem contas controladas, terão os seus próprios limites dos quais não deverão abrir mão.

Assim, o Vitória, como outros clubes, para respeitarem as regras de controlo salariais preconizadas pela Liga de Clubes mas, também, para não correrem quaisquer riscos de licenciamento para as competições europeias deverá seguir estritamente os valores definidos; sob pena de os gastos superarem em muito as possibilidades e jamais se atingir uma situação financeira controlada.



PUB

**Obrigado
pela confiança.**

é bom viver assim



**Conheça a solução ideal
para o seu condomínio:**

LDC GUIMARÃES

Av. D. João IV, C.C. Villa, Loja 27
4810-532 Guimarães

T: 253 408 020

E: guimaraes@ldc.pt

www.ldc.pt



FEIRA INTERNACIONAL CURTIR CIÊNCIA



24 E 25 MAIO 2024

INSTITUTO DE DESIGN DE GUIMARÃES

 10H » 19H



FEIRA DE CIÊNCIA

MOSTRA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
ESPAÇOS LÚDICOS

-



CRIA O TEU MÓDULO

CONCURSO

-



SOLETRAR C

CONCURSO CONCELHIO

-



PICTO_CIÊNCIA III

A DIVULGAÇÃO E A CULTURA CIENTÍFICA

ENTRADA LIVRE



MAIS INFORMAÇÕES



   ccvguimaraes

organização

curtir ciência



MUNICÍPIO DE
GUIMARÃES



Biblioteca
municipal Rui Brando

CFfh

media partners

+G

QUMA